

O JUDEU E A EGÍPCIA: O RETRATO DE CLEÓPATRA EM FLÁVIO JOSEFO

Nuno Simões Rodrigues
Universidade de Lisboa

Apesar da quantidade de trabalhos sobre a última rainha do Egipto, as fontes não foram muito criticadas, predominando um tom narrativo-factualista nas principais biografias de Cleópatra VII¹. Um dos objectivos deste trabalho é precisamente apurar criticamente as informações que Josefo nos fornece sobre a Egípcia², sistematizando informação e tentando compreender o tipo de referências que encontramos neste historiador de vocação tão específica. Isto é, consoante os objectivos do narrador, assim surgirão as personagens. Na historiografia joséfica, muito para além dos dados positivos, informativos e factológicos, está a construção e selecção dos mesmos, feita à base da metodologia do historiador, do seu equipamento teórico, dos seus objectivos e de um arsenal retórico, próprio do seu tempo, a que recorreu frequentemente para caracterizar personagens históricas. Daí, a legitimidade do nosso estudo e das questões que o orientam: qual a imagem de Cleópatra conseguida por Josefo e quais as razões que o levam a essa elaboração?

¹ O trabalho que surge com maior aparato crítico das fontes é o de I. Becher, *Das Bild der Kleopatra in der griechischen und lateinischen Literatur*, Berlim, 1969.

² Utilizamos o termo *Egípcia* para nos referirmos a Cleópatra, apesar do seu sangue e ascendência greco-macedónica. Aliás, é também assim que Josefo, e outros autores clássicos, se lhe referem. Cf. *En. VIII*, 687-688.

Josefo é um dos mais antigos historiadores a ter-se ocupado da última soberana egípcia. Porém, como quase os todos que deixaram testemunho sobre a descendente dos Ptolemeus, nunca a conheceu, nem foi seu contemporâneo. Dos que escreveram sobre ela, apenas Júlio César³, um oficial deste e Nicolau de Damasco⁴, tutor dos filhos da rainha, a conheceram (sem ter em conta algumas referências de poetas latinos seus contemporâneos, como Horácio, Virgílio e Cícero). O facto de um servo de Cleópatra ter sido uma das fontes de Josefo traz alguns problemas teóricos e conceptuais. Depois da morte de Cleópatra e António, Nicolau passou a estar junto de Herodes, de quem se tornou conselheiro, e chegou mesmo a ser amigo de Octávio Augusto. Foi precisamente nesta fase que Nicolau escreveu as suas *Histórias*. Assim, a imagem que Nicolau teria dado de Cleópatra deve ter-se alterado, em grande parte, devido à sua nova posição face a Herodes, e dado que este foi peça fundamental no percurso político da rainha do Egipto⁵.

Não se tivesse perdido a História de Asínio Polião e teríamos, decerto, muitas mais informações sobre esse conturbado período. A História de Veleio Patérculo, um funcionário de Tibério, atinge ainda o período antoniano, mas as informações são escassas e a descrição que faz da egípcia é, em essência, a de uma *adúltera maléfica*: Patérculo é um adúlador de Octaviano e a imagem não podia, portanto, ser outra. Além de algumas outras alusões, quase insignificantes, de Diodoro Sículo e de Estrabão, não há mais textos coevos que mencionem a rainha egípcia. Depois, só Josefo retoma o assunto. O historiador judeu, por seu lado, inaugura os escritos mais extensos e informativamente significativos daquele período histórico. Será retomado, com objectivos diferentes, obviamente, por Plutarco, um contemporâneo de Josefo; Suetónio, outro contemporâneo do historiador judeu, provavelmente nascido em 69 d.C.; Apiano, um protegido do imperador Antonino; e finalmente Díon Cássio.

O conjunto de menções a Cleópatra em Josefo está longe de abranger todo o seu percurso biográfico. Quando o historiador judeu a chama a intervir no seu trabalho apanha já o período pós-cesariano, quando que a rainha se encontra com Marco António e inicia a conhecida relação de amor e poder. Todo o resto

³ Na *Guerra Civil* e na *Guerra Alexandrina*, onde nada sabemos das questões privadas entre o próprio César e Cleópatra.

⁴ A maior parte da sua obra chegou até nós em segunda mão, via Flávio Josefo.

⁵ Vide B. Z. Wachholder, «Josephus and Nicolaus of Damascus», in L. H. Feldman e G. Hata (eds), *Josephus, Judaism, and Christianity*, Detroit 1987, 147-172.

está subentendido: a trama de intrigas anterior ao advento de António, na qual se insere a estada da soberana egípcia em Roma e a suposta paternidade romana do seu filho Cesarião, fica de todo excluída da narrativa joséfica. Em Josefo, Cleópatra não é uma figura autónoma. A sua figura nunca aparece por si mesma, mas sempre por relação a outras personagens, consideradas mais importantes para os objectivos do historiador: ou Herodes, *o Grande*, rei da Judeia, ou os oficiais romanos, nomeadamente Marco António. A razão deste desenvolvimento literário-historiográfico deve-se ao facto de as informações que colhemos sobre Cleópatra, em Josefo, apenas serem possíveis porque o historiador judeu introduz a rainha do Egipto num trabalho de âmbito mais amplo: uma História de Israel, da Judeia e dos Judeus.

Dos quatro grandes textos escritos por Josefo, Cleópatra é mencionada em três: *Contra Apião*, *Guerra dos Judeus* e *Antiguidades Judaicas*. O primeiro é essencialmente um tratado apologético de defesa dos Judeus perante Roma, os dois últimos são obras historiográficas, sendo a primeira uma análise etiológica e parcial das revoltas judaicas contra o poder imperial, e a segunda uma síntese que refaz a história de Israel, desde a criação de Adão até às revoltas anteriormente desenvolvidas. Assim, quando Josefo se refere a Cleópatra é sempre por razões de interacção histórica, que se prendem com as relações político-diplomáticas que a rainha manteve com o rei da Judeia na segunda metade do século I a.C., directa ou indirectamente, através do oficial Marco António. Aliás, esta é uma tendência que constatamos na literatura greco-latina em geral, quando se trata de fontes respeitantes a Cleópatra.

Apesar de mencionada por vários, nenhum historiador, conhecido, biografou a última ptolemaica por si mesma. Isto é, na Antiguidade, Cleópatra nunca é um tema por excelência, ao contrário do que acontecerá nos séculos XVI e XVII e até mesmo no século XX. Nenhum autor, grego ou latino, trataria a sua figura como central, pois seria tão ousado como despropositado. Na cultura greco-latina, a rainha do Egipto jamais emerge como figura de tratamento independente, mas sempre por relação com alguma outra personagem maioral na análise do historiador em questão, que lhe serve de eixo referencial: Marco António em Plutarco, Augusto em Suetónio, Roma em Apiano, as guerras alexandrinas no próprio Júlio César, e Herodes e o domínio da Síria-Palestina por Roma em Flávio Josefo. Se algum deles se aproxima de uma caracterização autónoma e independente, então talvez seja Plutarco, nos últimos parágrafos da vida de António, em que se narra a mítica morte da rainha. Mas mesmo aí,

a situação é causada por um arrastamento patético do que acontecera ao oficial romano que ousara desafiar a *mãe Roma* (*Ant.* LXXVIII-LXXXVII).

Quanto ao retrato de Cleópatra, propriamente dito, em Josefo, podemos desde já concluir que existe uma grande tendência do autor para caracterizar a rainha como uma poderosa vilã, controladora, ambiciosa, que tudo consegue à custa dos meios menos dignos. Não deixa de ser particularmente significativo o facto de Josefo ser dos autores mais antigos a escrever sobre Cleópatra e a emitir juízos de valor acerca da rainha, pois de algum modo, o seu posicionamento cronológico coloca, automaticamente, todos os historiadores posteriores numa situação de dependência, pelo menos teórica, em relação ao seu trabalho⁶. E é desses que a maioria do nosso conhecimento provém.

Uma das menções de Josefo a Cleópatra é feita no tratado apologético *Contra Apião* ou de Josefo a Cleópatra é feita no tratado apologético *Contra Apião* ou *Sobre a Antiguidade dos Judeus*. Neste texto, recorre-se ao exemplo como argumento de retórica. O recurso à imagem da rainha é, aqui, aquilo a que se chama *prova técnica*, um juízo por indução, que, neste caso particular, serve para representar uma verdade universal: o mérito do povo judeu. Como no apólogo, esta pequena narrativa pretende obter uma posição moral. Na verdade, o que Josefo faz é a utilização de conhecimentos técnicos de retórica, formulando juízos que se inserem numa questão mais ampla: a do debate cultural entre anti e filo-semitismo das élites romanas durante o século I d.C. Josefo intervém nesse debate, defendendo as suas raízes culturais e etnográficas, utilizando para isso o clássico debate argumentativo, tão em voga no período helenístico e construído à base da retórica. É precisamente esse jogo de retórica que retoma a figura de Cleópatra. Alegadamente, e pelo que nos é dado a entender, o interlocutor de Josefo, o tal Apião, acusador dos Judeus, referira-se à última rainha de Alexandria como prova evidente da vilania do povo judaico. Pois até ela, malquista como era entre os Romanos, «em tempo de fome se recusou a dar aos Judeus qualquer ração de trigo» (*CA*, II, 60). De imediato, Josefo rebate tal ideia, pois, bem vistas as coisas, é ela e a sua atitude que devem ser censuradas e não os Judeus, que, aliás, até saem enobrecidos. Pois a rainha «cometeu todo o tipo de crimes contra os seus parentes e Romanos em geral e seus imperadores» (*CA* II, 57). Obviamente, ao denegrir assim a imagem da soberana egípcia, Josefo visa o auditório

⁶É possível que Plutarco tivesse lido Josefo e tivesse também sido influenciado por ele. Aliás, como já temos referido, o espírito do trabalho de Plutarco, *Vidas Paralelas*, é muito semelhante ao das *AJ* de Josefo. Cf. *Plut., Ant.* XXVIII,2.

romano, tentando conquistar a sua admiração, jogando com a opinião generalizada em Roma, tal como se reflecte nos poetas seus contemporâneos⁷. Com esta retaliação, o historiador traça a tónica fundamental sobre a qual assentará todo o edifício do seu retrato de Cleópatra. Assumindo claramente uma posição equidistante da dos autores latinos, Josefo inicia a lenda negra da rainha Cleópatra VII do Egipto na historiografia antiga.

A introdução da rainha egípcia nas Histórias de Josefo é feita no âmbito da descrição positiva de factos históricos, e como tal comentada. Essa introdução era necessária, dada a importância política que a soberana teve no período em análise. O próprio Josefo a reconhece, quando afirma que era «a mulher que detinha a mais alta posição entre os que viviam naqueles tempos» (*AJ*, XV, 101). Por vezes não há linearidade no relato, encontrando-se informações espalhadas por toda a obra. Porém, ao contrário do que defende Grant, por exemplo, não pensamos que haja confusões cronológicas ou mesmo anacronismos. Josefo apenas volta atrás rebuscando informação, quando a narrativa o exige⁸.

A estreia da rainha acontece no momento em que António se desloca à Síria, quando Roma, desorganizada, se debatia com os frequentes problemas de ordem interna, então agudizados pelo assassinato de Júlio César, em 44 a.C., e pela conseqüente divisão faccionária entre o partido republicano e o partido pró-cesariano, de que António foi o mais insigne representante. Logo nessa primeira vez, em que Josefo se refere a Cleópatra, o autor judeu enfatiza o poder de sedução amorosa que a rainha exerceu sobre o tribuno romano⁹. Essa será outra tónica fundamental em todo retrato a representar.

⁷ Como Hor., *Ode XXXVII* (que se refere a ela como *dum Capitolio regina dementes ruinas*); Virg., *En.* III, 86 (*tantae libidinis fuit, ut saepe prostituerit*); VIII, 688 (*sequiturque, nefas, Aegyptia coniunx*); Prop., III 11, 30 (*femina trita*); mais tarde Lucano dirá a seu propósito *a quo casta fuit?* (*Fars.* X 370), Plín., o jovem chamar-lhe-á *regina meretrix* (IX, 119) e D. Cássio, *aplêstos Aphrodîtês*, «Afrodite insaciável» (LI, 15, 4).

⁸ M. Grant refere que a cronologia de Josefo não é digna de fé. Outra crítica do autor a Josefo é o facto de o historiador antigo misturar as informações de Nicolau Damasceno com as suas próprias, M. Grant, *Cleopatra*, 272.

⁹ *GJI*, 243 e *AJ XIV*, 324-326. O primeiro texto aborda de uma forma mais sintetizada os conteúdos que serão posteriormente desenvolvidos no segundo. A razão deve-se ao facto de esta matéria, no primeiro texto, surgir como introdução ao assunto real da obra, a revolta judaica de 67-73 d.C., e no segundo texto surgir já como tema efectivo a ser desenvolvido.

Quanto ao aspecto positivista, dos factos em que surge envolvida, ele sistematiza-se em quatro grandes pontos, todos relacionados entre si, correspondentes a questões políticas: as relações com António, as relações com Herodes, as relações com Alexandra (sogra de Herodes), as doações recebidas como evidência de poder e o desenlace final do conflito expresso na batalha de Áccio.

1. Cleópatra e Marco António. O primeiro ponto inicia-se com o encontro de Cleópatra e António, na Cilícia¹⁰. Em termos históricos corresponde, de facto, ao primeiro grande encontro da soberana com o triúviro. As relações entre Cleópatra e António fazem parte de uma estrutura literária que se sobrepõe a todos os outros aspectos do desempenho político da rainha em Josefo. Estes apenas podem ser entendidos como um todo; como tal, e metodologicamente, é conveniente procedermos a uma análise parcelar das outras etapas do processo. A partir deste mote, desenrola-se todo o processo historiográfico.

2. Cleópatra e Herodes, o Grande. Cleópatra ressurgue a propósito das viagens diplomáticas de Herodes¹¹. Sendo Pelúcio um importante porto alexandrino de chegada e partida em relação ao Oriente, era utilizado muitas vezes pelos soberanos, quando desejavam embarcar em viagens políticas. É precisamente num desses momentos que Herodes, com intenções de atingir Roma, chega a Pelúcio e é retido por Cleópatra, que lhe solicita auxílio para a campanha de António contra os Partos, pois a rainha «esperava que Herodes comandasse uma expedição que ela preparava» e que, por isso, lhe preparou uma magnífica recepção, que de nada lhe valeu, pois a rainha foi incapaz de persuadi-lo a permanecer no Egipto (*GJ*, I, 279; *AJ* XIV, 376). Esta incapacidade de Cleópatra penetrar na determinação de Herodes é bastante curiosa, como se o rei da Judeia fosse imune às tentações lançadas pela rainha egípcia. A pertinência da atitude

¹⁰ Que terá acontecido no Verão de 41 a.C., três anos, portanto, após a morte de César e que corresponde ao momento em que Plutarco descreve a sua chegada para a entrevista com o tribuno, como se ela fosse a própria deusa do amor, pois vinha vestida como Afrodite, numa barca dourada, rodeada de pequenos Amores, Ninfas e Nereidas, *Plut., Ant.* XXVI.

¹¹ As relações entre o Egipto e a Judeia eram bastante estreitas neste período. Já Cleópatra II e Cleópatra III haviam usado comandantes judeus nos seus exércitos, e Cleópatra III havia celebrado um tratado com Alexandre Janeu.

aumenta, se tivermos em conta que Herodes não é propriamente um herói nacional na generalidade das perspectivas historiográficas (que estão muitas vezes em consonância com a perspectiva bíblica). Todavia, o autor fá-lo menos ofensivo que a soberana egípcia, confirmando-se assim a hostilidade da descrição joséfica.

O desejo que a rainha tem de dominar Herodes é constante. Esse comportamento repete-se numa outra passagem da análise histórica de Flávio Josefo. Referimo-nos ao momento em que Cleópatra acompanha António até ao rio Eufrates, aquando da campanha da Arménia. Deixando o esposo romano na Mesopotâmia, a rainha do Egipto retorna ao seu país. No caminho, por Damasco, decide parar na Judeia, onde Herodes vem ao seu encontro com intenção de obter favores políticos, relacionados com o rendimento económico da Arábia e da região de Jericó. Josefo conta que «estando na companhia de Herodes muitas vezes, Cleópatra tentou relações íntimas (*synousían*) com o rei» (AJ XV, 97), mas que ele «esquivou-se às suas propostas, pois estava muito longe de se tornar amigo de Cleópatra» porque sabia «quão maléfica ela era para toda a gente» (AJ XV, 98). A formulação do juízo é contundente, como aliás é uso em Josefo, e ganha proporções de posição assumida, quando, numa análise comparativa das figuras em questão, lemos que «por essa altura ele tinha razões para a julgar particularmente desprezível» (AJ XV, 98).

Herodes apressa-se a aconselhar-se com os seus amigos sobre se há-de ou não matar a rainha do Egipto, pois tem oportunidade para isso. A menção ao plano para a matar surge em Josefo como uma missão de livrar o mundo de um grande mal: «Deste modo... livraria de muitos males todos aqueles para com quem ela fora já cruel, ou para com quem que poderia vir a ser no futuro» (AJ XV, 99). A argumentação retórica do historiador nestas passagens funciona de uma forma verdadeiramente eficaz, pois transforma Herodes, apesar de malquisto e representado muitas vezes como um implacável assassino da própria família, numa figura de carácter ainda mais positivo que o de Cleópatra. Tudo descrito em *oratio obliqua*, como se de facto assim se tivesse passado e o historiador fosse simplesmente um narrador que relata o que testemunhou em silêncio¹². O acrescento de que a morte de Cleópatra seria *um favor* a António visa, decididamente, o público romano de Josefo, com quem se pretende conciliar, e que por isso se coloca a seu lado na opinião geral, em relação à soberana egípcia.

¹² Josefo joga com o conhecimento que tem do futuro, pois António virá a precisar de Cleópatra.

A relação da rainha do Egipto com o rei da Judeia é dominada pela aversão mútua, referindo Josefo que Cleópatra tinha ódio a Herodes¹³. Este, por seu lado, acentua o *páthos*, pois enfatiza o suspense com estas palavras.

Segundo Josefo, é a própria rainha quem pede a António que ordene a Herodes que marche contra o rei árabe, «pensando que seria em seu benefício, se qualquer dos dois reis se enfraquecesse pelo outro» (*AJ XV*, 110). Esta inimizade, muito para além do romantismo sugerido pelo despique concorrencial entre as duas personagens, terá sido provocada por questões de domínio territorial e competição face ao poder arbitral de Roma. No fundo, Herodes e Cleópatra são dois suseranos ultrajados, sem qualquer poder efectivo, no equilíbrio das hegemonias internacionais do século I a.C. Mas o esforço de Herodes será compensado e o rei acabará por ganhar esta guerra. Morta Cleópatra e morto Marco António, apresentar-se-á a Octávio¹⁴, que o perdoará pelo comércio político com António (numa cena admiravelmente descrita à base da retórica joséfica), e que lhe demonstrará o seu favor, dizendo-lhe que «António fez bem em obedecer antes às ordens de Cleópatra» (*GJ I*, 391). Assim, acabará por o presentear com os quatrocentos Gauleses que haviam sido guarda-costas da rainha do Egipto. Do mesmo modo, devolverá a Herodes os territórios que a soberana «lhe havia tirado», além de acrescentar muitas mais coisas (*AJ XV*, 217 e *GJ I*, 396). Tudo surge como uma vingança *a posteriori*, pois tudo o que antes era de Cleópatra, passará agora a ser do rei da Judeia. Para Herodes valeu a pena esperar.

3. Cleópatra, Herodes e Alexandra, a hasmoneia. Outra vertente da acção política de Cleópatra, apesar de indissociável da anterior, roda em torno da rainha Alexandra da Judeia. Na realidade, esta vertente vem na complementaridade do jogo de adversários que se gera entre Cleópatra e Herodes, pois Alexandra, sogra de Herodes, será sempre uma hasmoneia, inimiga declarada do genro.

Alexandra foi uma das personagens que mais intensivamente tentou influenciar o percurso dos acontecimentos. A aliança entre as duas mulheres sugere

¹³ Diz o texto grego: *epi tò pròs autòn mísei labousan*.

¹⁴ Sobre essa questão, N. Simões Rodrigues, «Herodes, o Grande e o Estado Romano: um exemplo de relações de poder no sec. I a.C.», *Actas Cong. Poder e Sociedade I*, Lisboa, Univ. Aberta, 1995, 117-143.

assim um contra-poder ao rei da Judeia¹⁵ e a aliança dos inimigos políticos de Herodes um facto natural, pouco explorado por Josefo. Assim, quando Alexandra vê lograda a sagração de seu filho Aristóbulo como sumo-sacerdote, Josefo fala mesmo em «indignidade que havia sido oferecida a seu filho» (AJ XV, 25), e é à rainha do Egipto que recorre como ajuda. Evidência de que, ao tempo, o Egipto era uma das potências orientais? Não tanto. A intenção de Alexandra sugerida por Josefo é alcançar o poder maior e arbitral: o de Roma. O historiador judeu refere-se à necessidade de apresentar o caso a Marco António, e é justamente para isso que se dirige a Cleópatra, para mais facilmente chegar ao oficial romano. O próprio Herodes acusará Alexandra ao seu conselho de ter «conspirado cruelmente em segredo contra o seu trono» e que «através de Cleópatra trabalhava para conseguir que António lhe diminuísse os poderes» (AJ XV, 32). Herodes assume declaradamente a figura da rainha do Egipto como o adversário a ser combatido.

A continuação da notícia faz-nos saber que António não teria ligado muita importância ao facto. Porém, Quinto Délio, um seu favorito, teria visto Aristóbulo e Mariamne, filhos de Alexandra e, fascinado com a beleza de ambos, fê-lo saber a António através da própria Alexandra, que foi convencida a enviar o retrato de seus filhos ao romano¹⁶. Josefo é claro ao referir que a intenção de Délio era fazer despertar intenções eróticas em Marco António por meio dos príncipes judaicos. Ao que parece, António teria ficado de alguma forma curioso com a situação. Contudo, refreou-se de mandar buscar Mariamne por duas razões: em primeiro lugar, porque a princesa estava casada com Herodes, e fazê-lo seria uma ofensa grande ao rei aliado; em segundo lugar, porque «desejava evitar ser denunciado a Cleópatra» (AJ XV, 28). Esta perspectiva, agora apresentada por Josefo, traz alguma novidade quanto à caracterização de António: é verdade que o *temor* de ser denunciado à rainha retrai António, anunciando-se assim uma dependência; mas não será, simultaneamente um sinal de negação do *tal amor cego*, frequentemente evocado para caracterizar a relação entre Marco António e Cleópatra? Por outro lado, continua a imagem comumente transmitida de um António lascivo¹⁷.

¹⁵ Cf. J. Sievers, «The Role of Women in the Hasmonean Dynasty», in L. H. Feldman e G. Hata (eds), *Josephus, Judaism, and Christianity*, Detroit 1987, 132-146.

¹⁶ AJ XV, 26-30. Esta passagem teria acontecido em 36 ou 35 a.C. Em BJ I, 439 ficamos a saber que Mariamne viria a ser acusada pelos seus inimigos de ter enviado o seu retrato a António, no Egipto.

¹⁷ Plut., *Ant.* IX, 2-6; a segunda *Filípica* de Cícero descreve também os excessos de António.

Tendo descoberto a intenção da sogra, Herodes ordena a sua prisão numa das alas do palácio. Alexandra volta a escrever a Cleópatra, «fazendo um longo lamento acerca do estado em que se encontrava, implorando-lhe que a ajudasse tanto quanto pudesse». A soberana egípcia responde ao apelo de Alexandra, dizendo-lhe que fugisse secretamente com o filho para o Egípto¹⁸. Falhada esta solução, Alexandra voltará a escrever à descendente dos Ptolemeus, desta vez «acerca do plano de Herodes» e sobre Aristóbulo, que entretanto fora assassinado por Herodes (AJ XV, 62). Cleópatra continua como o recurso efectivo desta hasmoneia ultrajada. Os apelos de Alexandra parecem não ter sido desprezados, pois, e segundo Josefo, «Cleópatra fez com que todo o assunto se tornasse um problema seu, e não parou de convencer António a vingar o assassinio do filho de Alexandra» (AJ XV, 63). O interesse de Cleópatra é atacar o rei da Judeia, interesse que acaba por se transformar em ânsia. Por detrás de todo este empenho está, certamente, o domínio do Próximo Oriente, logo um conseqüente fortalecimento do Egípto. A argumentação que a rainha usa perante António faz, decerto, parte da função retórica que Josefo emprega na construção do texto, evidenciando a sua formação helenística: não estava certo que Herodes, que fora designado por ele como rei de um país sobre o qual não tinha o direito de governar, tivesse demonstrado tal injustiça para com os que eram reis de direito. Esta intervenção de Cleópatra, que provavelmente aconteceu durante o Inverno de 35-34 a.C., pouco tempo antes de António ter invadido a Arménia, é justificada à luz do próprio Direito. Que maior legitimidade senão a das próprias leis? A acusação a Herodes contribui, de algum modo, para a perda de carisma e, uma vez mais, o recurso a António, sintoma e evidência do reconhecimento do poder arbitral de Roma. Curiosamente, este mesmo argumento voltará a ser usado posteriormente, mas em favor de Herodes, evidenciando *os poderes do discurso retórico* e a sua importância na demonstração de causas.

Assim se compreende a afirmação de que Cleópatra «nunca havia cessado de tentar fazer António seu [de Herodes] inimigo» (AJ XV, 65). Atitude que,

¹⁸ AJ XV, 45. Na sequência deste episódio, Alexandra montará um plano de fuga deveras cinematográfico: esconder-se-á, juntamente com seu filho, em dois caixões, sendo levados durante a noite para o mar, de modo a embarcarem para o Egípto, fazendo com que todos pensem que se tratam de mortos. Porém, o plano acabará por ser descoberto por Herodes, graças às conspirações palacianas, e tudo se agudizará para Alexandra. Cf. AJ XV, 46-48.

na perspectiva de Josefo, acaba por se tornar numa disputa incontornável entre o rei da Judeia e a rainha do Egipto (aliás, esse é o *leit-motiv* principal da actuação destas duas personagens). Josefo fala mesmo nas «calúnias (*tàs diabolàs*) de Cleópatra contra ele [Herodes] (*AJ XV, 77*), devidas ao seu desejo de possuir os territórios judaicos, que a levou a «empenhar-se em afastá-lo a qualquer custo» (*AJ XV, 77*). A determinada altura, a formação étnico-cultural de Josefo leva-o a posicionar-se em defesa do rei da Judeia: «os argumentos de Cleópatra eram de pouca substância contra as intenções de Herodes de captar a sua amizade [de António]» (*AJ XV, 75*). O suborno de Herodes em relação a António passa por ser mais potente que os argumentos de Cleópatra. E uma vez mais se sugere que António não seria um fiel assim tão cego ao amor pela rainha egípcia. Um tipo de intimação que lança pistas quanto à tradicional visão «romântica» da biografia de António. Essa pista ganha um fôlego ainda mais relevante, quando se afirma que António teria dito a Cleópatra «que seria melhor que ela se não metesse nos negócios do governante» (*AJ XV, 76*). A denúncia do exagero da dependência, tantas vezes evocada (*ex*: a composição de Mankiewicz).

A contextualização destas afirmações, porém, deve ser tida em conta. No texto, é Herodes quem o afirma, ao relatar o conteúdo de uma carta, supostamente escrita pelo próprio rei (*AJ XV, 74-76*). A descrição do conteúdo da carta, tal como o discurso posteriormente proferido aos Judeus, por ocasião da guerra contra os Árabes¹⁹, contém evidentes influências tucidideanas, um argumento frequentemente evocado, para caracterizar o estilo joséfico, como para a generalidade da historiografia patética. Aí, a retórica mistura-se com a historiografia, e os interesses apologéticos vêm à tona da água, enfatizando-se apenas o que interessa enfatizar. Assim, as palavras de Herodes evidenciam a posição do rei, que, obviamente se apresenta contra a soberana egípcia. Pelo que, a necessidade de relativização se apresenta, uma vez mais, como um percurso metodológico pelo qual se deve passar. Essa mesma carta revela também, por exemplo, «outras honras que recebera de António, tais como sen-

¹⁹*AJ XV, 127-133*. Cf. Tucd. II, 60 ss. A forma como o discurso é apresentado nas *AJ* difere da forma de *BJ I, 373-379*. Mas ambas as versões contêm os mesmos temas gerais de esperança, vitória auxiliada por Deus e condenação da barbaridade dos Árabes, que são temas também tucidideanos. Com ele, pretende-se concretizar a imagem do líder, evidenciando assim uma linha de heroicização positiva da figura do rei idumeu, nem sempre malquista em Josefo e bem distinta da tradição bíblica.

tar-se com ele quando julgava ou quando jantava todos os dias» (AJ XV, 77), tornando-se óbvia a parcialidade das informações seleccionadas para se apresentarem aos auditores. Quer tivessem sido seleccionadas por Josefo, quer pelas fontes que este consultou, estas informações contêm sempre uma dose de subjectividade comum a qualquer texto antigo desta natureza, pelo que as nossas conclusões terão sempre de ser relativizadas. Quanto a Alexandra, acabou por também ser assassinada, a mando de Herodes, em 28 a.C., dois anos já depois da morte de Cleópatra.

4. Cleópatra e a outorgação de bens. Outro tema ainda, que podemos encontrar facilmente na descrição joséfica de Cleópatra, é o da outorgação de territórios à rainha do Egipto, por parte de Marco António. As doações territoriais e sua correspondente narração têm como objectivo comum a ênfase do poder de facto da rainha, bem como o poder de *sedução política*, com que consegue aumentar os seus domínios. De qualquer modo, e em ambos os casos, Josefo utiliza-o como forma de caracterização do poder da soberana, pelo exercício da vassalagem, cujo objectivo é subjugar. De António, Cleópatra teria recebido quase todo o território siro-palestinense e a Arábia, rodeando assim o Egipto de Estados-tampão que, simultaneamente, ampliavam o seu território, aumentavam as riquezas, especialmente ao nível das matérias-primas²⁰, e criavam territórios intermediários nos quais era possível aplicar uma política de defesa territorial muito mais eficaz em relação ao centro de poder a Oriente, a cidade de Alexandria.

Entre os territórios outorgados por Marco António a Cleópatra (e este é um dos grandes motivos do crescendo de ira e revolta do senado romano, liderado opinativamente através da figura de Octaviano e seus partidários) destaca-se a Pártia²¹ e a Cele-Síria, território obtido do tribuno, na impossibilidade de conseguir a dominação efectiva da Judeia, pela inviabilidade do necessário afastamento de Herodes do poder. O insucesso da tentativa levou Josefo a

²⁰ Josefo refere-se ao bálsamo como *a coisa mais preciosa* que aí existia, tal como às palmeiras, aí em grande número e de excelente qualidade.

²¹ Um dos grandes mitos do messianismo romano era a conquista da Pártia. Segundo a tradição augural, inscrita nos livros sibílicos, o romano que conquistasse a Pártia seria *rex*. De algum modo a tradição cumpriu-se. Marco António conquistou o território tão desejado por muitos Romanos, mas deu-o a Cleópatra, segundo Josefo, o que constituiu uma outra grande afronta a Roma. *GJ I*, 362.

referir-se ao acto, através da boca de Herodes, como uma forma através da qual a «havia apaziguado, ao mesmo tempo que se livrava dos apelos que ela lhe fizera pela Judeia» (AJ XV, 79).

Até que ponto a outorgação da Cele-Síria não é o dado único e real, e a alusão a uma anterior exigência pela Judeia um dado retórico, aqui incluído por necessidades de apologética, talvez seja uma hipótese a considerar, pois esse dado fornecido por Josefo, de algum modo, faz com que a intervenção da rainha se transformasse, repentinamente, numa figura ambiciosa e prepotente. Sendo Josefo um judeu, a evocação de uma possível usurpação do território ao seu povo faria todo o sentido, se a intenção fosse denegrir a rainha egípcia. Poderíamos evocar este conjunto de doações como material abonatório das teses que fazem de António um «fantoche», enfeitado pela sedução de Cleópatra, a «frouxidão» do romano que, apesar de não outorgar o território mais almejado pela rainha, lhe dá outro em compensação, pondo e dispondo dos Estados como se fossem um bem pessoal. Mas é também possível que António, visualizando mais longe, estivesse a passar para «mãos seguras» territórios que pretendia vir a dominar e com os quais contava para defrontar Roma e Octávio num conflito incontornável. Não podemos esquecer, que o Oriente oferecia-se a António como a hipótese de concretizar o que Júlio César desejara a Ocidente, e que não conseguira obter pela feroz oposição do velho partido republicano. Roma odiava *reges*, mas o Oriente sempre os conhecera. E no Egipto, e com a ajuda de Cleópatra, talvez António se tornasse um *rex*, que viesse mesmo, quiçá, a subjugar a própria Roma. O desejo de centralizar o mundo em Alexandria não lhe foi, decerto, estranho. Podia tê-lo feito em Roma, na altura certa. Mas não fez.

Além disso, há também que contar com o factor indivíduo e até com a paixão que nutriu pela mulher Cleópatra, bem como pelo ambiente mistérico que o Oriente lhe oferecia, elementos quase sempre sobrevalorizados pelos biografadores românticos desta personagem, quase subvalorizados por outros historiadores mais racionais. Mas há que os ter em conta, porque existiram de facto. Assim, o tribuno romano pode ter-lhe outorgado estas benesses pelo que sentia a nível afectivo, mas também para fortalecer o poder desta, e por consequência o seu, no Oriente, desafiando assim a hegemonia romana. Acrescente-se que a guerra foi declarada a ela e não a ele, daí também uma das razões pelas quais seria completamente legítimo fortalecê-la.

Nesse processo, Cleópatra desempenhava um papel fundamental e a mulher avidamente política ganha maiores contornos ainda pela referência a que «não

desistia de tentar que António atacasse todos os seus governantes [aos da Síria], persuadindo-o a retirar, a cada um, os domínios e a dar-lhos a ela», e que «ela tinha uma grande influência sobre ele», por causa da «paixão dele por ela» (AJ XV, 88).

Há, também, notícia de que António teria doado a Cleópatra as cidades entre o rio Eleutério e o Egipto (correspondentes às cidades da costa fenícia e palestinese), exceptuando-se Tiro e Sídon, «as quais ele sabia serem livres desde o tempo dos seus antepassados, apesar de ela ter energicamente suplicado que elas lhe fossem dadas»²². A outorgação destes territórios, por certo histórica, é um dado que Josefo não se limita a relatar pacificamente. Apelando ao uso de artifícios retórico-lierários, a alusão a Tiro e a Sídon, perfeitamente dispensável, apenas serve para se elaborar um juízo crítico acerca de Cleópatra. Isto é, Josefo quase que teria vontade, essa é a ideia que transmite, de incluir nestas doações as cidades de Tiro e Sídon, não fosse a contradição histórica em que necessariamente incorreria. Repare-se nas referências: eram cidades «livres desde o tempo dos seus antepassados (*progónôn*)». O *mos maiorum*, o maior dos respeitois a ser assumido por um romano, vide o exemplo de Eneias, o herói nacional, chega a ser alvo de quase desrespeito por Marco António. Se este tivesse seguido as intenções da rainha egípcia, assim teria acontecido. Isto é, tal como a posterior Dido, Cleópatra é um sério obstáculo a que Marco António cumpra os preceitos da ética romana. Tal como Eneias, aqui Marco António resiste, «apesar de ela ter energicamente suplicado (*pollà liparóusês*, o itálico é nosso) que lhe fossem dadas». Repare-se na intensidade do advérbio e do participio aqui aplicados. A atitude da rainha evoca um crime ético, contribuindo assim para um quadro ainda mais negro. Mais uma vez se verifica a força motriz do texto joséfico em relação a Cleópatra: a haver um mau, há-de ser a Egípcia, e jamais o romano, um infeliz arrastado para o abismo, por uma força que o transcende.

A Arábia e Jericó são outros territórios, discriminados, que acabaram por estar sob o domínio egípcio no século I a.C. Diz Josefo que Cleópatra «pediu a António a Judeia e a Arábia, rogando-lhe que as retirasse aos seus governantes reais (*êtei..., axiousa tous basileúontas autôn aphelésthai*)²³». Josefo utiliza os termos *axiousa* e *aphelésthai*, de modo a imprimir ao texto a ideia de *usurpação*, pois a fazê-lo, António estaria a tirar algo a alguém que de direito lhe pertencia.

²² O dado é referido em GJI, 361 e confirmado em AJ XV, 95.

²³ AJ XV, 92. Confronte-se com o argumento anterior, de algum modo contradizente com este. Josefo não se apercebeu da contradição, conseguida graças à retórica.

Se a Judeia não passou para as mãos da monarca, a Arábia não teve o mesmo destino. Pois, mais adiante ficamos a saber que Herodes, interessado nas riquezas e matérias-primas da região, «arrendou partes da Arábia que lhe haviam sido dadas, bem como os rendimentos da região de Jericó», esses sim, por certo em suas mãos (AJ XV, 96), e pelos quais pagava duzentos talentos anuais²⁴. Estes, que também deviam ser pagos pelo rei árabe, são uma prova do poder que a rainha acabou por obter e como o Egipto, com Cleópatra, acabou por alcançar domínios territoriais tão vastos como nos tempos da XVIIIª dinastia, apogeu do período faraónico.

Além destes territórios, Cleópatra pediu ainda a António a Idumeia. O contexto político em que o faz é especial. Costóbaro, cunhado de Herodes pelo seu casamento com Salomé, era governador da Idumeia e de Gaza (AJ XV, 255). Tentando usurpar o poder de Herodes, joga traiçoeiramente, aliando-se a Cleópatra, tal como Alexandra, confirmando uma vez mais o sentido dual e ímpar dos dois soberanos no Próximo Oriente. Assim, subsversivamente, dirige-se à monarca, alegando que a Idumeia, território sob a sua jurisdição, sempre «pertencera aos antepassados» da rainha «e que por essa razão era legítimo que a pedisse a António» (AJ XV, 256), oferecendo-lhe depois a sua lealdade. O argumento é latinamente legítimo, pois apela à categoria do *mos maiorum*, e a atitude diz muito sobre a balança de poderes e a guerra fria entre o rei da Judeia e a rainha do Egipto. Instigada por Costóbaro, Cleópatra pede o território ao marido romano, mas este nega-lho (AJ XV, 258). O comportamento da rainha neste episódio assemelha-se ao da antiga rainha Jezabel, sobre a qual Josefo já havia escrito (AJ, VIII). Tal como Cleópatra, a ansia de concentrar bens e riquezas nas suas mãos sempre dominou o comportamento daquela rainha bíblica. É possível que Josefo a tenha tido como modelo na sua composição da egípcia.

A alusão às riquezas destas regiões não pode de todo ser desconsiderada, porque, na verdade, foram razões que contribuíram para as desejar. Josefo refere-se ao país de Herodes como a região que «trouxera grandes rendimentos» ao seu rei (AJ XV, 217). O bálsamo é referido como a «coisa mais preciosa que na Arábia crescia, bem como as palmeiras, numerosas e de excelente qualidade» (AJ XV, 96). Riquezas que justificavam o interesse por aquelas regiões (bem

²⁴ Cf. BJ I, 362 e AJ XV, 132. Uma quantia equivalente a 1 200 000 dracmas (ou a 1 200 000 dias de trabalho). Há alguma sobreposição de informação ao longo do texto joséfico. Significa que o autor recorre a dados consoante os objectivos do texto que prepara.

como os produtos de Jericó enumerados em *AJ* XIV, 54 e em *BJ* IV, 459-475, e que Plutarco deve ter lido, pois como Josefo, faz-lhes referência de uma forma bastante semelhante, *Ant.* XXXVI,2-3). Neste conceito de «riqueza» podemos também incluir o facto de a posição estratégica destes territórios os tornava fortemente apetecíveis para os diversos reis do Oriente. Situada a Sul do Mar Morto e a Norte do Egipto, a Idumeia dava a entrada para a península Arábica, permitindo assim o acesso ao Mar Vermelho e ao Oceano Índico, e por consequência às rotas da Arábia Feliz que dominavam o comércio de perfumes da bíblica Ofir. O interesse de Cleópatra, como o de Herodes, na região não podia ser mais compreensível, evidenciando as pretensões hegemónicas da rainha, que a colocam ao nível dos faraós do Império Novo.

Ainda dentro das doações, encontramos referências, em Josefo, ao espólio arménio, bem como à família real, e a Artabazes (rei arménio que traíu António na guerra contra os Partos) enviados a Cleópatra por António, como bens oferecidos na forma de presente político: «um presente para Cleópatra» (*AJ* XV, 104; *GJ* I, 362).

5. Josefo, Cleópatra e Áccio. A batalha de Áccio é o último grande tema político desenvolvido por Josefo, no contexto de Cleópatra. Tal como para os historiadores contemporâneos, Áccio é visto como um daqueles momentos da história que provocam as mudanças, as alterações conjunturais, quando não mesmo estruturais. Para Josefo, é também a grande batalha, decisiva, em que se jogam os destinos, pois nela «César competiu com António pelo domínio do mundo» (*AJ* XV, 109). Esta concepção reflecte-se de algum modo nas personagens por si caracterizadas. Não tanto quanto a António e a Cleópatra, de quem pouco Josefo voltará a falar, mas essencialmente quanto a Herodes.

Depois de Áccio, Herodes dirige-se a Octávio, dizendo-lhe «que tinha a maior amizade por António e que fizera tudo ao seu alcance para que conseguisse controlar o governo nas suas mãos» (*AJ* XV, 189). A atitude que Herodes começa por evidenciar é a de um homem de *Fides*, valor bastante conceituado entre os Romanos, pois manteve-se fiel à amizade que tinha por António. Confessa-se, por isso, desde cedo um «leal amigo» (*GJ* I, 390). É precisamente sabendo o valor e o impacte que uma atitude desse tipo teria sobre um romano como Octávio, que a toma. O que resulta, aliás como se verifica pelo comportamento posterior de Octávio. Isto é, não importa a facção pela qual lutou, mas o seu comportamento coerente enquanto lutou. Apropriadamente, não participou em Áccio. Jamais teria tido interesse, face ao resultado do conflito. Mas justifica-

se. Onde estavam a Judeia e o seu rei quando o mundo decidia o seu destino? A razão foram os Árabes, e foi a própria Cleópatra que o enviou a combatê-los, visto que «ela tinha planos sobre os reis, na sequência dos quais induzia António a confiar a guerra contra os Árabes a Herodes, esperando assim, se ele fosse bem sucedido, vir a tornar-se na senhora da Arábia; se fosse mal sucedido, a senhora da Judeia»²⁵. A enunciação de que Herodes se preparava para se juntar a António ao rebentar Áccio abona em favor do rei, confirmando o discurso de apresentação a Octávio. Porém, ironicamente, acabará por ser a intervenção da rainha a alterar tudo, e em favor de Herodes. Pois sendo Cleópatra a causadora do conflito com os Árabes, acaba por ser a inimiga a ajudar o adversário, evitando um flagrante de Herodes em Áccio, o que lhe permitirá, posteriormente, apresentar-se a Octávio. Apesar de tudo, Herodes contribuiu com dinheiro e mantimentos, não fosse Octávio pensar que abandonara António. Se por acaso António tivesse ganho Áccio, a posição de Herodes estaria de novo salvaguardada, pois estava em missão, enviado pela própria rainha.

A *Fides* volta a ser evocada posteriormente, no mesmo contexto, «por não ter abandonado António após a sua derrota na batalha de Áccio», «quando a sorte de António estava obviamente em mudança... continuou a mostrar-se, se não um companheiro de luta válido, pelo menos um hábil conselheiro de António, a quem sugerira que o único meio de salvar e não perder o poder era afastando Cleópatra»²⁶. Porém, na *Guerra*, Josefo fora mais incisivo e audaz, «a melhor solução para os seus [de António] desastres era a morte de Cleópatra»²⁷. O discurso no qual esta ideia é apresentada volta a manifestar um grande cuidado de

²⁵ Referido em *GJI*, 364-365 e confirmado em *AJ XV*, 189. A razão pela qual Josefo exalta a campanha contra os Árabes, como se verifica no discurso de Herodes aos Judeus (escolhendo precisamente esse, como um dos momentos altos da caracterização do rei idumeu), fazendo, em contrapartida, poucas alusões a Áccio deve-se ao facto de o seu objectivo ser a História dos Judeus, apesar das repercussões de Áccio em todo o Mediterrâneo.

²⁶ *AJ XV*, 190-191. Neste excerto exibem-se valores próprios da cultura helenística, ao se referir à *tykhês* como a causa da mudança. A mesma ideia está inscrita em *GJ* da seguinte forma: «nem depois da sua derrota em Áccio abandonei o meu benfeitor.», *GJI*, 388.

²⁷ *GJI*, 389. Temos algumas dúvidas quanto à veracidade deste expressão. Se Herodes eventualmente tivesse feito esta proposta a António, e estando este de tal forma envolvido com a rainha como alegadamente estava, como o próprio Josefo o afirma, o rei idumeu não teria sido bem sucedido. Ou então confirma a ideia de que o tal envolvimento não seria tanto como se tem feito crer.

construção técnica: «Prometi-lhe dinheiro se ele a quisesse matar, bem como paredes para o proteger, um exército, e a mim próprio, como seu irmão de armas na guerra contra ti.» (GJI, 389) Estas considerações morais elevam o carácter de Herodes perante a audiência romana, como teriam elevado perante Octávio Augusto, pois confessa «inocentemente» as suas posições políticas, tendo o cuidado de as contextualizar. De uma forma hábil, Herodes declara ter-se autoproposto a ajudar António contra Octávio, mas também a matar Cleópatra, o que altera a situação por completo, pois ela era a verdadeira inimiga. Josefo articula as ideias retoricamente: 1º é fiel como companheiro e conselheiro, agradando assim ao futuro imperador; 2º porém, não pôde participar na batalha, o que fez com que não estivesse envolvido no conflito armado contra Octávio; 3º sugeriu a morte de Cleópatra, a inimiga de Roma, oferecendo-se como braço armado.

Os valores romanos são o mote estrutural deste conjunto de argumentos e discursos atribuídos a Herodes: «não me envergonharei de falar abertamente da minha lealdade para com ele [para com António]»²⁸. A sua imagem valoriza-se assim perante Roma.

Neste contexto ainda, a personagem Herodes evidencia também a qualidade romana da *amicitia*, «Pois quando um homem se assume como amigo de outro, e sabe que esse seu amigo é benfeitor, deve partilhar o seu perigo, arriscando todo o seu corpo e alma» (AJ XV, 190). Mais adiante voltam a evocar-se os mesmos valores: «uma mera alteração de nome não desvalorizará o ideal de uma firme amizade (*phília bébaion*)» (AJ XV, 193). O conceito grego de *phília*, equivalente ao latino de *amicitia*, desempenha aqui essa função.

A argumentação é surpreendente, evidenciando o domínio que Josefo tinha das técnicas retóricas. A essência deste discurso faz passar que o que interessa são os valores e não as pessoas que os exibem, pois essas não passam de nomes²⁹.

²⁸ AJ XV, 193. Não deixa de ser curioso verificar que Josefo faz com que Herodes se refira a Octávio sempre como *César*, aliás como o próprio historiador e Plutarco fazem. Como se sabe, os inimigos de Octávio jamais o trataram como *César*, não lhe reconhecendo a herança de Júlio César, nem o poder por ele desempenhado. Estes sempre o tratarão como *Octaviano*. Ao se referir ao primeiro imperador de Roma como *César*, Josefo está a manifestar duas atitudes: por um lado o seu próprio reconhecimento, perante a audiência romana, da legitimidade de Octávio como César; por outro lado, a demonstrar que Herodes, convenientemente, o aceitava e reconhecia como general legítimo, e digno sucessor de Júlio César.

²⁹ Uma ideia talvez sugerida por Tucd. II, 89.6.

Os objectivos repetem-se e o próprio António chega também a ser evocado e sugerido como um filantropo, um homem de *Humanitas*, «o amigo benfeitor» (AJ XV, 190).

Assim, a imagem sai duplamente favorecida, pois exhibe a lealdade (*Fides*) e a amizade (*Amicitia*), como dois grandes valores da personalidade de Herodes, sem o comprometer politicamente em Áccio. A aplicação destes valores a ambas as figuras contrasta com a vilã da história, Cleópatra. António volta a surgir como uma vítima dessa vilania, o que posiciona Josefo favoravelmente perante Roma, pois apesar de tudo, tal como Octávio, e tal como Júlio César em relação a Pompeio, não culpa António de seus actos. Apesar de inimigos, demonstra-se o respeito que tiveram por eles enquanto homens e enquanto Romanos. E perante Roma jamais seriam bom denegri-los. Tudo foi um problema de política interna, e um juízo opinativo por parte de um historiador estrangeiro, numa posição delicada como a de Josefo, não seria decerto bem vindo. É o que evidencia em *Antiguidades Judaicas*, ao fazer Herodes dirigir-se a Octávio: «Pois», disse ele [Herodes], «se ela tivesse sido logo afastada do caminho, ter-lhe-ia sido possível manter o seu poder, e ele teria encontrado uma forma mais fácil de chegar a um acordo contigo, em vez de se assumir como teu inimigo. Mas ele não prestou qualquer atenção a qualquer destas sugestões, e preferiu a sua própria falta de prudência, a qual era tão pouco proveitosa para ele, como benéfica para ti».

Volta a insistir numa comunhão de opinião favorável para com António, como que enfeitiçado pela Dido egípcia. Como se Octávio Augusto comungasse da opinião que António fora desviado da virtude romana pela rainha do Egipto. O discurso de Herodes insiste na junção de opiniões. Se António o tivesse ouvido, teria sido bom para ele, pois teria ficado um aliado de Octávio (tenta persuadi-lo, aliás a persuasão é a chave deste discurso); como não ouviu, foi melhor para Octávio, ou seja, também não nega um certo favoritismo na pessoa do novo senhor de Roma, sem não se arriscar em reafirmar a sua lealdade ao seu amigo romano.

O culminar deste discurso manifesta-se com o reconhecimento de Octávio a Herodes, chegando ao ponto de referir que graças à loucura de António «ganhámo-nos» (GJ I, 391), *i.e.*, um grande ser humano. A rainha é agora usada para demonstrar o apreço que Octávio César Augusto passará a ter por Herodes. António, por sua parte, *perdeu-se* por ter seguido a oriental. Esta afirmação serve como corolário do processo, sintetizando a imagem a transmitir: os adversários foram punidos, e esses eram Cleópatra e António. Ele o fraco, ela a vilã.

Josefo nunca alude à morte de Cleópatra, enquanto acto isolado, como Plutarco faz, por exemplo (*Ant.* LXXXV-LXXXVI). Mas descreve a de Herodes pormenorizadamente, evidenciando a maior importância, como é natural, que dá ao rei da Judeia³⁰. Apenas, há referências ocasionais em que o historiador deixa entender que a morte de Cleópatra havia já acontecido. Por exemplo, em *Guerra dos Judeus*, circunstancialmente, afirma que «quando César alcançou o Egipto, depois da morte de Cleópatra e António» (*GJ I*, 396); em *Antiguidades* refere-se a Octávio que «com a morte de António e Cleópatra estava na posse do Egipto» (*AJ XV*, 215). A morte dos dois amantes aparece sempre associada, consequência natural da sua relação em vida, apesar de sabermos que António se suicidou em finais de Julho de 30 a.C. e Cleópatra em finais de Agosto do mesmo ano. Em Josefo, nada encontramos da lenda da áspide, tal como nada encontramos acerca de banhos em leite de burra ou de pérolas dissolvidas em vinagre.

A construção da imagem de Cleópatra em Josefo, todavia, vai muito mais além do que a simples enumeração de factos políticos. Não é uma mera personagem que entra e sai de cena consoante as necessidades de palco. Como é apanágio de Josefo, o historiador opina e emite juízos, utiliza intencionalmente expressões, à maneira helenística, de modo a construir subtil ou obviamente a sua ideia da personagem³¹. Assim, a esse nível a que nós chamaremos *conceptual*, Josefo recorre a uma série de lugares, também eles retóricos, essencialmente éticos, que servem de suporte ao seu trabalho. Porém, quanto a Cleópatra, não encontramos em Josefo as qualidades louváveis que, por norma, caracterizam os seus heróis, em especial os da História de Israel. Antes pelo contrário. Cleópatra alinha ao lado dos anti-heróis e é nesse sentido que o seu retrato é construído.

Cleópatra, a femina politica. O primeiro desses lugares conceptuais é, sem dúvida alguma, o da rainha enquanto *femina politica*, pois essa é a imagem que ressalta de imediato do percurso analisado anteriormente. Os dados que Josefo fornece sobre ela nada nos dizem sobre atitudes «femininas». Nada lemos sobre o seu aspecto físico, ao contrário de outros autores que evidenciam a sua beleza, em especial o tom cativante da sua voz³², ou sobre episódios romanescos em ambiente palaciano ou bucólico, comum aos das heroínas do

³⁰ *GJ I*, 657-660.

³¹ Cf. N. Simões Rodrigues, *Rei Saul segundo Flávio Josefo*, 263-290.

³² O que a aproxima de uma Sereia odisseica. Plutarco é um dos autores que se refere a essa particularidade da rainha, *Ant.* XXVII, 3.

romance grego, por exemplo. Não. Em Josefo, Cleópatra assume papéis masculinos, próprios de homens, pois ela é uma *mulher de Estado* por excelência³³. Uma imagem muito pouco coincidente com a de certas matronas romanas, como Lucrecia, Cornélia ou Antónia (a própria filha de Marco António), que se celebrizaram pelo seu papel doméstico de mães, educadoras, esposas fiéis e castas. Cleópatra é uma antítese de tais modelos. Houve, é certo, mulheres de projecto político na cultura romana. Poderíamos destacar Lúvia, Valéria Messalina, Agripínia Maior ou mesmo Agripina Menor. Porém, como é conhecido, a imagem destas em Roma e na sua literatura não é propriamente a de modelos universais. Antes pelo contrário. São frequentemente referenciadas como figuras negras, muitas vezes pelo seu envolvimento na política. A Cleópatra de Josefo está mais de acordo com elas, também retoricamente construídas pelos seus historiadores. Em oposição às *castae diuae*, vem na tradição de outras mulheres políticas, mas de proveniência oriental, tal como ela: das culturalmente suas antepassadas Hatshepsut, Tii e Nefertiti (certamente desconhecidas de Josefo), ou das suas reais ancestrais Olímpia e Cleópatra Teia, das israelitas Betsabé, Atália, e Jezabel (estas duas últimas bastante hostilizadas pela historiografia de Israel), da Rainha de Sabá, de Semíramis/Sammuramat ou de tantas outras rainhas que a historiografia pré-clássica menciona.

Cleópatra é uma estratégia de valor que demonstra conhecer bem os meandros da política, agindo frequentemente num território que no Ocidente só muito raramente foi confiado a mulheres. É nesse sentido que guia António na política entre a Judeia e a Arábia, surgindo, por exemplo, como conselheira política do romano no Oriente, agindo sempre em benefício próprio (*AJ XV*, 110). Em outras partes lemos sobre generais a seu comando, como Aténion (*AJ XV*, 115). Na *Guerra dos Judeus* lemos sobre a razão pela qual a rainha egípcia teria retido Herodes em Alexandria, c. 40 a.C.: «esperava que Herodes comandasse uma expedição que ela preparava». Esta informação talvez seja o sintoma de uma tentativa, por parte da rainha, de ajudar António, que entretanto partira em guerra contra a Pártia (*AJ XV*, 375). De qualquer modo, denuncia a sua intervenção activa na vida política.

Outro sintoma dessa sua actividade é a referência de Josefo a que, para os Árabes, estar sob a sua alçada seria «um mal irreparável» (opinião proferida por

³³ À excepção de Mariamne, quase todas as mulheres da história recente de Israel desempenham, em Josefo, esse mesmo papel. Decerto, não por mero acaso que tal acontece, J. Sievers, *op. cit.*, 132-146.

Herodes), expressando a sua força política (AJ XV, 131). Também Costóbaro, apesar de se oferecer à rainha, afirma que o faz, «não por lhe agradar especialmente estar sob seu governo», mas por estratégia política (AJ XV, 257). Ao fazê-lo, volta a salientar a imagem de vilania da rainha, sob a qual ninguém quer estar dominado. Finalmente, no contexto de enviar Herodes para a Arábia, sabe que acabará por se tornar na «senhora (*kratésantos*) da Arábia» ou da Judeia. Seja qual for o desfecho, sabe «que com os meios de uma das potências subjugará a outra» (GJI, 364-366). Na verdade, uma das imagens transmitidas por Josefo é a de uma Cleópatra de mente estratégica, que funciona constantemente.

Cleópatra, a poderosa. Associada à sua imagem de *femina politica* está a de uma mulher de *poder*. Os conselheiros de Herodes, a determinada altura, referem-se a Cleópatra como «a mulher que detinha a mais alta posição entre os que viviam naqueles tempos» (AJ XV, 101). Aliás, na descrição de Josefo, o poder que lhe é atribuído é tal que, no discurso de Herodes, este se reclama de ter conseguido evitar que os Judeus se «tornassem escravos (*douleúein*) de Cleópatra» (AJ XV, 131). A utilização do verbo *douleúo*, «ser servo de alguém», pretende transmitir a ideia do poder que a rainha impõe sobre os outros, de modo a *escravizá-los*. Associada a essa ideia de escravatura aparece a de domínio, pois outro termo aí utilizado é *kyría*, *senhora*, referindo-se a Cleópatra como «senhora de toda essa terra [territórios entre o Eleutério e o Egípto] (GJI, 362). É precisamente desse poder que Herodes se gaba de ter livrado os Judeus, surgindo assim, de algum modo, como um contra-poder à malignidade de Cleópatra, e como tal um homem de coragem, de *andragathía*, emergindo assim como um herói por oposição, que conseguiu a liberdade dos Judeus. Essa heroicidade modela-se no pólo adversário ao da rainha Cleópatra do Egípto, a *escravizadora*, que ressurgiu assim para levar de novo Israel à escravatura no Egípto³⁴. Desta forma, a rainha

³⁴ Do mesmo modo, Herodes reclama-se de ter sido o salvador dos territórios judaicos, evitando que fossem doados por António a Cleópatra, pois «quando foi seu desejo presentear com algumas partes dos nossos domínios a Cleópatra... dei-lhe muitos presentes dos meus bens pessoais... assumi os custos, dando-lhe duzentos talentos e assegurando-lhe outros duzentos, que dirigimos ao rendimento dela», AJ XV, 132. Isto é, face a Cleópatra, Herodes surge como um herói, de novo distante da imagem dada pelo texto bíblico, pois à custa dos seus próprios bens salvou a nação. Herodes surge também como amigo de António. Em Josefo, o Judeu é sempre amigo do Romano, como se, com isso, tipologicamente, pretendesse dizer algo mais.

ptolemaica passa por uma reencarnação do passado. Um terreno em que Josefo estava razoavelmente à vontade, pois havia já tratado este tema aquando da caracterização de Moisés.

Esse poder de Cleópatra pode também avaliar-se, em termos efectivos, pelas doações que lhe são feitas, tal como pelas famílias reais que por ela são dominadas. O «medo» real que esse poder causava às casas reais circundantes pode avaliar-se no expresso pelo próprio Herodes, cujo «grande medo» é dito ser um grande perigo, maior que se o «depusessem e restaurassem a anterior dinastia no poder, um maior e mais sério, Cleópatra, Rainha do Egipto (*tês basileuóúsês Aigyptou Kleopátras*)» (GJ VII, 300).

Cleópatra, a ambiciosa. Intimamente ligada ao poder está a sede por si mesmo, a ambição. Em Josefo, Cleópatra é declaradamente uma mulher *ambiciosa*. Se o facto de ser *femina politica* ou *poderosa* eram qualidades que não lhe assentavam bem por ser mulher, aqui estamos já perante uma qualidade autonomamente negativa. Esta é enunciada logo em AJ XV, 63, onde lemos que «estava ansiosa por ir em auxílio de Alexandra», sugerindo-se que o interesse da rainha do Egipto não era tanto o de ajudar a sogra de Herodes, como o de intervir nos negócios políticos da Judeia, marcando dessa forma uma posição política. Depois de ter pedido a Judeia a António, e a não ter conseguido, o tribuno dá-lhe a Cele-Síria. Josefo refere-se ao facto, afirmando que António «já não podia alimentar qualquer esperança de satisfazer completamente a sua *ambição (pleonexias)*» (AJ XV, 79); o facto de querer a todo o custo o território, marca-a com uma inegável forma de *ganância*, vício criticado no mundo antigo. Josefo refere ainda que ela tinha «uma inclinação natural para a avidez» (AJ XV, 89), e que por isso não havia acção desonesta que não cometesse.

Ao rogar a António que retire os territórios da Judeia e da Arábia aos «seus governantes reais» (AJ XV, 92), Josefo intencionalmente acentua a ambição da rainha, pois ao utilizar o adjectivo *reais (basileúontas)*, aumenta a ilegalidade do acto da rainha, que exige para si mesma o poder territorial, mesmo que à custa da usurpação. O adjectivo aumenta a intensidade da ideia, pois confere aos anteriores proprietários o direito de governar (ao mesmo tempo que é uma apologia de Josefo para que o governantes a reinar devam ser os de direito; Roma é apenas o árbitro). A sua ambição vai tão longe, que chega a difamar os funcionários da Síria perante António, ordenando e causando assim a sua morte, ao crer que «não teria qualquer dificuldade em apropriar-se das suas possessões» (GJ I, 360).

Há uma tentativa constante de mostrar a ganância desmesurada por domínios territoriais, por riqueza e poder. A morte e o sexo são constantemente enfatizados como as suas formas de o obter. Resultado: uma pessoa ávida, sem quaisquer escrúpulos. «... as suas ambições estendiam-se até à Judeia e à Arábia; e ela planeava secretamente a ruína dos seus respectivos reis: Herodes e Malco» (GJ I, 360). Como Jezabel, para conseguir o que quer. Acto considerado como um «sacrilégio» logo no parágrafo seguinte.

É também a ambição que a move a instigar António a enviar Herodes para a Arábia (GJ I, 366). Vencendo Herodes, pediria a António o território e tornar-se-ia a «senhora da Arábia»; se fosse mal sucedida, então pediria a Judeia, nesse caso sem rei, e tornar-se-ia na «senhora da Judeia». A ambição da rainha chega ao ponto de pedir a morte de Herodes, que deste modo se acaba por transformar num herói (GJ VII, 301).

Cleópatra, a má anfitriã. Sendo apanágio do mundo antigo, a hospitalidade raramente está ausente da caracterização de grandes figuras. Josefo não é excepção, utilizando o *xenodókhos* como categoria estruturante e representativa da índole e das virtudes das personagens por si retratadas³⁵. Para ser bem desempenhada, e assumir as funções que lhe convinham, deveria ser gratuita e não onerosa. Não é assim que é sugerida em relação a Cleópatra, remetendo a figura de imediato para um espaço de imagem negativa: *uma má hospedeira*. Tendo ido até Alexandria, Herodes teve «uma magnífica recepção de Cleópatra», mas porque esta «esperava confiar-lhe o comando de uma expedição que preparava» (GJI, 279). O interesse denunciado no comportamento hospitaleiro da rainha desvaloriza-o por completo. Herodes, pelo contrário, em vez de incorrer no pecado para o qual ela o convida, faz precisamente o contrário, pois «cortejou Cleópatra com presentes e escoltou-a até ao Egipto» (AJ XV, 103). Mais uma vez, a sua acção, contrastante com a de Cleópatra, eleva a figura do rei, denegrindo a da rainha.

Cleópatra, a traiçoeira. Mas Cleópatra é também *traiçoeira*. Os avanços eróticos para com Herodes que Josefo denuncia, não deixam de ser uma atitude de traição para com o marido, Marco António (AJ XV, 98). Segundo o historiador judeu, Herodes estava de sobreávisio, pois temia uma armadilha, porque

³⁵ Como Abraão, Moisés ou Samuel. E.g, L. H. Feldman, «Josephus' portrait of Samuel», *Abr-Nahrain*, 30, 1992, 103-145.

conhecia o carácter traiçoeiro de Cleópatra, pelo que «esquivou-se às suas propostas e aconselhou-se com os seus amigos, se a havia de matar enquanto a tinha em seu poder» (AJ XV, 98).

A traição volta a surgir quando, em plena batalha entre Judeus e Árabes, Aténion ataca Herodes traiçoeiramente, contibundo para o fracasso judaico da investida. Josefo faz questão de frisar que Aténion era «um dos generais de Cleópatra, encarregado das forças dela»³⁶. A guerra efectiva entre Herodes e Cleópatra surge aqui retratada como uma traição, sem a qual Herodes poderia ter vencido o inimigo árabe, como era desejo do próprio romano. Cleópatra estragou tudo. São, obviamente, argumentos retóricos que têm como função denegrir a sua imagem.

No *Contra Apião*, Josefo sintetiza a imagem da rainha a partir de algumas ideias-chave. Entre elas a traição. Fá-lo da seguinte forma: «abandonou o marido e pai dos seus filhos, na batalha naval, e impeliu-o a render o seu exército e o título imperial e a segui-la». No parágrafo seguinte é ainda mais incisiva: «crueldade e *traição* que havia praticado para com todos» (CA II, 59-60). Aliás, a primeira referência conhecida à traição de Cleópatra é de Josefo, nesta passagem. Ao surgir como traiçoeira, a rainha emerge como a negação de uma das mais conceituadas virtudes da cultura latina: a *Fides*. Uma imagem assim necessariamente negativa.

Cleópatra, a afrodisiaca. Associada a essa imagem de traiçoeira está uma de encantamento, que poderíamos rotular de *afrodisiaca*. A rainha como *alter-ego* da deusa Afrodite é uma constante em todos os retratos que os autores antigos nos deixaram. Os termos qualificam-na de aliada dos meios subversivos do amor, e as imagens a ele associados estão por todo o lado nos seus retratos historiográficos. Em Josefo, a ideia fundamental está sintetizada no seguinte excerto: «corrompeu António com uma paixão sensual» (CA II, 58), como uma maga que encanta com o amor. Segundo Plutarco, a própria Cleópatra, quando se foi encontrar com Marco António na Cilícia, vestiu-se como a deusa grega do amor, rodeando-se de servos e servas que representavam pequenos Eros, Ninfas e Nereidas (*Ant.* XXVII, 2-3). Em Josefo, a imagem de Cleópatra como Afrodite vai mais longe, pois o historiador não apenas a faz auto-retra-

³⁶ AJ XV, 115. Em *GJI*, 367, este episódio é referido da seguinte forma: «foi armada uma cilada (*epibouleútai*) a Herodes por Aténion, um dos generais de Cleópatra». O verbo *epibouleúō* significa precisamente *conspirar* ou *armar cilada*, transmitindo-se assim a ideia de *traição*.

tar-se como tal, como a qualifica com algumas das características, as mais nefastas, dessa divindade ambígua. Logo nas primeiras referências à rainha, Josefo apela ao uso dessas categorias, referindo-se que a soberana «fez de António um cativo do seu amor (*erôtos autòn ekekheírôto*)» (AJ XIV, 324). Já na primeira obra historiográfica, Josefo referira que António, «completamente destruído pelo seu amor por Cleópatra, se estava a tornar um escravo da sua paixão (*Antônios tò Kleopátras érôti diephtharménos êttôn ên pâsin tês epithymías*)» (GJ I, 359). A ideia do aprisionamento de amor é uma constante neste retrato. Como António não acedeu a eliminar Herodes para lhe dar a Judeia, diz Josefo que «talvez se fique surpreendido que António não tenha obedecido aos seus rogos, aprisionado, como estava, pela paixão por ela (*érôtos dedoulôménos*)» (GJ VII, 301-302). A denúncia do amor de António por Cleópatra é bastante semelhante à do de Sansão por Dalila. Se sabemos que o juíz hebreu gostava da filisteia, o contrário já não é uma evidência do texto. O mesmo se passa com o romano e a egípcia. Josefo, como Apiano, Plutarco e Díon Cássio, diz-nos algumas vezes que António gostava de Cleópatra, mas nunca se refere à posição contrária. Sintoma do cruel poder de sedução feminino ou simplesmente reflexo do androcentrismo dos textos antigos?³⁷.

Para o descrever, Josefo recorre a expressões insinuantes: ela «fê-lo cativo do seu amor» (*érôtos autòn ekekheírôto*), diz em *Antiguidades* (AJ XIV, 324); ou que ele era agora «escravo da sua paixão» (*érôtos dedoulôménos*), diz em *Guerra dos Judeus* (GJ I, 243). Em ambos os casos Josefo recorre ao termo *érôs*, derivado do verbo *erâô*. Este é um termo de conotação bastante forte, relacionando-se com a impetuosidade da paixão que arrebatava e domina o amante. A ideia de cativo de amor é retomada mais adiante, quando Josefo refere que as atitudes de hostilidade de António para com os reis orientais se deviam

³⁷ Se estudarmos o caso de Herodes e Mariamne, verificamos exactamente a mesma situação: conhecemos o amor do marido pela esposa, mas nada sabemos da situação oposta. J. Sievers refere que «essa questão raramente se perguntava a uma mulher». Certamente, se o que estivesse em causa fosse simplesmente a posição androcêntrica do texto, seria mais lógico falar-se na dependência amorosa da *mulher pelo homem* e não o contrário. Pensamos que a situação resulta antes do facto de o aprofundamento psicológico da figura feminina ser usado como algo «diabólico» e encantatório, que acaba por desviar os heróis dos seus caminhos rectos. Os outros aspectos confirmam-no. J. C. Exum também chama a atenção para este pormenor no texto de *Juízes em Plotted, Shot, and Painted. Cultural representations of Biblical Women*, 181-182, 188.

ao facto de o romano fazer tudo o que a egípcia queria. Aí, Josefo fala mesmo em António «desmoralizado pelo amor que lhe tinha» (*érêti diephtharménos êttôn ên pâsin tês epithymías*)³⁸. De novo o termo *érôti*. Nesta expressão acrescenta-se ainda o termo *epithymías*, o *desejo passional*, aumentando assim o sentido erótico da afirmação. Assim, o sentido não deixa margem para dúvidas, isto é, Cleópatra domina António e a arma utilizada é terrível: o amor. A rainha é *afrodisíaca*, no sentido mais literal do termo. António a sua vítima. Este *tópos* sugere a mítica história de Ônfale, rainha da Lídia, em cuja casa Hércules serviu como escravo, tendo-se apaixonado perdidamente pela soberana. Curiosamente, já Plutarco notara as afinidades desta narrativa mítica com a história de António e Cleópatra, e referiu-o: «António, pelo contrário, tal como Hércules em pinturas em que Ônfale é vista tirando a sua clava e despindo-lhe a pele de leão, era frequentemente desarmado por Cleópatra, subjugado pelos seus feitiços, e persuadido a abandonar grandes missões e campanhas necessárias, apenas para vaguear e brincar com ela nas praias de Canopo e Tafosíris.» (*Dem. e Ant.* III,2).

Da mesma forma, é possível que Josefo tivesse encontrado outras, como nos sugere presentemente. Porém, absteve-se de as referir, aumentando a eficácia pela associação inconsciente ou velada (o que vem em abono das hipóteses que temos vindo a apresentar ao longo deste trabalho). Tal como o Hércules da narrativa de Ônfale, referida por autores como Sófocles, Apolodoro e Ovídio, na maioria das passagens, António surge como uma figura essencialmente comandada por Cleópatra, seduzido à sua mercê, que se põe contra «Israel» quando ela o quer. Esse artifício de composição faz com que ela seja a verdadeira inimiga, a figura iníqua de facto, aliando-se assim à imagem criada para Dido, por Virgílio, cuja função principal é, apesar de lutar pelo seu amor, a de impedir que a missão de Eneias chegue a bom termo³⁹.

As diversas alusões à capacidade sedutora de Cleópatra, aqui manifestas em termos como *érôti*, *epithymías* e *diephtharménos*, fazem-na associar às descrições da Afrodite homérica, em que o tribuno se assemelha a Ares domi-

³⁸ *GJ* I, 359. É curioso notar que, quando comparados, os paralelos entre os dois textos de Josefo deixam antever que não existe uma plena coincidência de narrativas. Isto é, a essência dos textos é a mesma, mas nem sempre os comentários ou as alusões circunstanciais se repetem. É o exemplo desta referência ao amor de António por Cleópatra, inexistente no texto correspondente em *AJ*.

³⁹ Frequentemente comentada como construída com base no modelo de Cleópatra. Cf. M. H. Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica I, Cultura Romana*, 248.

nado por Afrodite, mas também relembram a figura de Helena de Tróia, a rainha que cativava todos quantos a mirassem. Assim, quando Josefo refere que ela tinha «uma grande influência sobre ele, por causa da paixão que ele nutria por ela» (AJ XV, 88), está a caracterizar a soberana egípcia e o tribuno romano de uma forma semelhante à caracterização que Homero faz de Helena e de Páris, a qual cativava todos os homens que tinham o privilégio de a contemplar⁴⁰. Tal como Páris, também António não teve as forças necessárias para resistir aos encantamentos da beleza de Cleópatra. O paralelismo tipológico com a lenda de Helena e Páris não é, porém, de todo original. Já Plutarco, na segunda metade do século I d.C., encontrava essas semelhanças, tal como em relação a Ônfale e Hércules, provando, de forma inconsciente, as possíveis utilizações que Josefo pode ter feito do património clássico: «E, por fim, tal como Páris, fugiu da batalha e para se esconder no colo dela; apesar de que, na verdade, Páris fugiu depois de ter sido derrotado; mas António fugiu em perseguição de Cleópatra, e por isso desperdiçou a vitória.» (Dem. e Ant. III,3-5)⁴¹.

Um pouco mais à frente refere-se, através de Herodes, aos ouvidos de «António que ficaram entupidos pela louca paixão» (GJ I, 390), e na outra obra, que «António estava de tal modo dominado por esta mulher, que parecia que lhe obedecia em todos os desejos, e não apenas por causa da sua intimidade com ela...» (AJ XV, 93).

⁴⁰ Josefo conhecia Homero, CA I, 12; II, 14, 155, 242-244, 256. Refere por exemplo que o termo *nómos* jamais é citado nos seus poemas e faz uma série de alusões e insinuações sobre o comportamento dos deuses na guerra de Tróia, tal como descrito pelo poeta arcaico, M. Z. Kopidakis, «Réminiscences d'Homère chez Flavius Josèphe», *ΕΛΛΗΝΙΚΑ*, 37, 1986, 3-25.

⁴¹ Partimos do princípio que grande parte da construção arquetipológica da narrativa de Cleópatra e António se deve a Josefo, por ser o primeiro autor a descrever opinativamente este episódio. Há, contudo, que ressaltar que Plutarco cita uma fonte alexandrina para muitas das informações que fornece. De qualquer modo, até que ponto a narrativa joséfica não se teria difundido? O método tipológico-paralelógico é uma das estruturas base da composição das *Vidas* de Plutarco, e um dos estilos típicos da literatura helenística. Plutarco recorre a ele frequentemente para a sua caracterização de Cleópatra, chegando a citar autoridades literárias, como Homero (Ant. XXV, 2). Cita também Cícero que, numa famosa expressão, *ut Helena Troianis, sic iste huic rei publicae belli causa, causa pestis atque exitii fuit*, refere que tal como Helena fora a causa da guerra de Tróia, António era a causa da guerra civil em Roma, Cic., *Phil.* II, 22, 55 e Plut., *Ant.* VI, 1-2.

O amor de António pela mulher é também enfatizado quando, face a uma hipótese de matar Cleópatra, os conselheiros de Herodes o desaconselham de o fazer, pois «o seu amor incendiar-se-ia mais intensamente, se ele soubesse que ela lhe havia sido levada com violência e traição» (AJ XV, 101), tal como aconteceu com Orfeu, quando perdeu Eurídice.

Cleópatra, a lasciva. Mas, mais que erótica ou afrodisíaca, para Josefo, Cleópatra é também uma mulher *lasciva, licenciosa e adúltera*. Em *Contra Apião*, texto onde se apresenta o rol mais completo, declarado e concentrado de acusações a Cleópatra, lê-se que a soberana cometeu crimes e iniquidades contra os «os seus devotos maridos»⁴², evidenciando a acusação de adultério. Essa é a ideia predominante, quando se narra o encontro com Herodes e a tentativa de o seduzir sexualmente, justificando-se que «ela estava por natureza habituada a usufruir deste tipo de prazer sem qualquer disfarce» (AJ XV, 97). Tendo acabado de deixar António, a rainha não hesita em atrair o marido, para conseguir os seus objectivos. É a própria personagem de Herodes quem avança com a classificação da atitude da soberana como um «pecado» (*tèn amartían*) (AJ XV, 102-103). *Tèn amartían* é um termo que se relaciona com a ofensa trágica, o pecado capital de *hybris*, que conduz à vingança divina, logo é um conceito bastante forte, usado intencionalmente por Josefo, para classificar o acto da rainha. O seu retrato parece aqui evocar o de outra rainha, argiva, cuja essência é também a vilanidade: é também uma *femina politica* e faz do adultério e do assassinio a principal razão da sua *hamartía* trágica. Referimo-nos a Clitemnestra, em cuja descrição, de Ésquilo, Josefo parece recolher dados para a sua caracterização da rainha egípcia. Além de traioeira e adúltera, Cleópatra é também a lasciva que pouco se coaduna com a «matrona romana clássica», tipo Cornélia, apesar de as Júlio-Claúdias (como Júlia, Julila, Livila, Messalina e Drusila), ao tempo de Josefo, serem já conhecidas. Mais uma vez, a figura que sobressai pela virtude, neste episódio, volta a ser Herodes.

Esta sedução falhada do rei da Judeia sugere o tema mítico-dramático de Fedra e Hipólito, que Josefo havia já utilizado para a sua caracterização de

⁴² CA II, 57. Reinach, afirmando que o tradutor latino de Josefo entendeu mal o texto grego original, sugere mesmo «seus maridos e até seus amantes», insinuando o seu comportamento adúltero.

José do Egípcio e da mulher de Potifar (AJ III)⁴³. Na clássica história do *Génesis*, recontada pelo historiador judeu nas *Antiguidades Judaicas*, a pérfida egípcia tenta seduzir o jovem hebreu. Falhada a tentativa, a mulher denuncia-o ao marido, trocando a situação, ao alegar que ele a tinha tentado seduzir. Na descrição do episódio entre Herodes e Cleópatra não temos a denúncia vingativa da mulher, que se aproxima bastante da lenda de Fedra e Hipólito, e o próprio Herodes está longe de ser o virtuoso José ou o casto servidor de Ártemis; mas a egípcia continua a ser a sedutora, mal sucedida, cuja maldade sugere em muito o comportamento da madrasta ultrajada, e um «hebreu», agora idumeu transformado em rei da Judeia, o seduzido que resiste. À criação deste episódio, exclusivo de Josefo, e registado apenas nas *Antiguidades*⁴⁴, não foram, por certo, estranhas, as histórias bíblica e clássica. Até porque Josefo já o havia ensaiado anteriormente.

O comportamento de Cleópatra neste campo é de tal forma mal visto, que o próprio Herodes afirma que a julgaria «desprezível se fosse através da luxúria que fosse tão longe» (AJ XV, 98). E, apesar de não o ter conseguido dominar assim, foi-o noutras situações. Agora, tal como Dalila, é o factor sexo que usa como arma para dominar e controlar. A personagem bíblica, à semelhança das já referidas Jezabel e mulher de Potifar, fornecia um possível modelo de comparação e de construção da rainha egípcia, pois também a filisteia obtivera de Sansão o que queria à custa da sedução sensual⁴⁵. No fundo, corresponde a formas de política de alcova, tantas vezes sugeridas como meios de controlo.

Cleópatra, a feiticeira. Com os poderes que demonstra possuir à custa do amor que cria, Cleópatra aproxima-se muito de uma *feiticeira*. Esta era também uma figura malquista no mundo antigo, apesar de protagonizar muitas das histórias do seu património literário. Em Téocrito, poeta helenístico do século III a.C., uma maga tenta, através do conjuro, cativar o amado, expressando

⁴³Cf. L. H. Feldman, «Josephus' portrait of Joseph», *RB* 99/2, 1992, 379-417; 99/3, 1992, 504-528.

⁴⁴O episódio do encontro com Herodes, por certo histórico, é narrado também em *GJI*, 362. Porém, aí, nada se diz sobre a lascívia ou sedução da rainha. Antes se refere que o rei a tratou «com toda a deferência e respeito». Na lenda de Belerofonte, a figura da rainha Estenebeia, a quem Homero chamou Anteia, age de forma similar à mulher de Potifar e a Fedra.

⁴⁵*Jz* 16,4-22.

uma prática conhecida, e condenada, no período em questão⁴⁶. A caracterização de Cleópatra em Josefo aponta também nessa direcção. Diz o historiador que o domínio da rainha sobre António era tal que este «parecia estar sob influência de drogas (*thélê*)» (AJ XV, 93). Intencionalmente, Josefo transforma a rainha numa feiticeira, semelhante a Circe e a Medeia, cujos poderes estavam nas magias que lançava nas suas presas. Entre elas, Ulisses, por quem se acabou por apaixonar (o modelo de Circe será reaproveitado por Virgílio em duas das personagens da *Eneida*: a Sibila, no aspecto profético-divinatório; e Dido, apesar de o paralelo homérico desta personagem ser mais a ninfa Calipso, que pretende aprisionar Ulisses pelo amor que lhe tem; no aspecto encantatório-passional sugere-nos a maga, pois tal como a rainha de Cartago, também Circe de algum modo atrasou Ulisses)⁴⁷. Do mesmo modo, Medeia utiliza artifícios mágicos para conseguir o amor de Jasão e não hesitará em assassinar por aquele que ama. Cleópatra parece compartilhar dos mesmos ideais das magas da mitologia.

Na perspectiva do historiador dos Judeus, teria sido essa mesma atitude de magia que impedia António «de ser amável e que o levava a cometer os mais sérios crimes» (AJ XV, 93). De algum modo, as atitudes menos dignas do tribuno romano ficam assim justificadas pela alegada intervenção de poderes sobrenaturais catalizados por Cleópatra. Uma apologia que, levada ao seu extremo, poderia ter inocentado Marco António perante uma audiência romana. E o mesmo se passa com a Judeia, que deste modo fica numa situação semelhante à de António com Roma. Muitas das atitudes politicamente inaceitáveis dos Judeus teriam sido provocadas pela intervenção maléfica da rainha egípcia. A intenção é de, retoricamente, igualar ambas as «vítimas» da sua perfídia: Judeus e Romanos.

Cleópatra, a impiedosa. Uma outra acusação que compõe o retrato de Cleópatra em Flávio Josefo é a de *impiedade*. Como já referimos neste texto, Eneias é o grande herói nacional, especialmente depois do período augustano, graças ao poema de Virgílio. Isso porque Eneias exhibe duas das grandes qualidades que os Romanos consideravam essenciais para a definição de virtude: por um lado o *mos maiorum*, a tradição e o respeito pelos antepassados, expressos na salvação de Anquises durante a destruição de Tróia; por outro lado a *pietas*, o respeito pelas divindades e pela religiosidade familiar, expressos

⁴⁶ Teoc., Id. II.

⁴⁷ Hom., *Od.* X, 104-574. A imagem de Mariamne em Josefo, em relação a Herodes, aponta na mesma direcção.

na salvação dos *penates* por Eneias pela mesma ocasião⁴⁸. Eneias é, portanto, o modelo de comportamento de um Romano. Na descrição de Josefo, Cleópatra é precisamente a negação dessas virtudes, pois viola templos e túmulos, saqueia as divindades do país e os sepulcros dos antepassados, tudo na esperança de conseguir encontrar dinheiro e riquezas: «Nenhum lugar sagrado era considerado tão inviolável, que não visse os seus recheios removidos e não havia lugar religioso que não recebesse todo o tipo de tratamento proibido, desde que satisfizesse por completo a ambição desta mulher perversa (*adikoúsês*)» (AJ XV, 90; CA II, 58).

Esta alusão implica intencionalmente Cleópatra num dose piores crimes que o Homem pode cometer: o de lesa-livindade. Assim já o consideravam os filósofos da tragédia grega. O termo *adikoúsês*, *mulher injusta* ou *perversa*, adequa-se perfeitamente a essa ideia.

Cleópatra, a louca. A continuação deste excerto das *Antiguidades* conduz-nos a uma outra característica sugerida por Josefo para a composição do retrato de Cleópatra, a de *irracional*, por vezes até *louca*: «Em suma, nada era suficiente por si mesmo para esta extravagante mulher, que estava prisioneira de seus próprios apetites (*ên gynaiki kai polytelei kai douleuouésê taís epithymiais*)» (AJ XV, 90 e CA II, 58).

Nesta passagem, a rainha surge como irracional, como uma Ménade ou uma Bacante totalmente tomada pelo desejo (o próprio António chegou a ser celebrado como Dioniso)! De tal modo assim era, que o autor refere mesmo que «o mundo inteiro falhava em satisfazer os seus desejos e os da sua imaginação» (AJ XV, 91). A utilização da expressão *epithymiais* de algum modo conota esta ânsia de possuir e de ter com uma certa sensualidade, associando-se assim essa irracionalidade com o desvario sexual orgíaco que dominava a rainha. Cleópatra é assim a negação de outra importante virtude, uma das cardiais, a *sôphrosynê*, a temperança ou auto-domínio, expressa por Platão, pelos platónicos, pelos estóicos e pelo próprio cristianismo, apanágio de tantos dos heróis joséíficos⁴⁹.

⁴⁸ Virg., *En.* II; XI, 292. Vide M. Hadas, «Aeneas and the tradition of the National Hero», *American Journal of Philology* 69, 1948, 408-414.

⁴⁹ Como Moisés, Sansão, José, Saul, Salomão ou até mesmo David. Já Plutarco se apercebera desta negação, apesar de não se referir à obra de Josefo directamente, ao se reportar à forma como a rainha se «pavoneava», dizendo que o fazia de «forma contrária às quatro virtudes da alma evocadas por Platão» (*Górg.*). Antes age da forma «menos correcta da alma» (*Fed.* 254 A). Evidência de que Plutarco analisa as suas personagens com essa perspectiva subjacente. Cf. Plut., *Ant.* XXIX, 1; XXXVI, 1.

É essa atitude de desmedida e desregramento, *dysnomía*, que a leva a incitar «António a retirar os bens dos outros e a fazer com que os ofereça a ela» (AJ XV, 91).

Cleópatra, a cruel. A *crueldade* é também praticada pela Egípcia. Segundo o *Contra Apião*, a rainha chegou a negar dar de comer aos Judeus, quando estes tinham fome, «pois em tempo de fome recusou-se a dar aos Judeus qualquer ração de trigo que fosse» (CA II, 60). É um argumento de contra-ataque retórico usado por Josefo, para rebater as acusações de Apião. Ao mesmo tempo que pretende valorizar aqueles a quem a comida foi negada, os Judeus, pois vitimizamos, a intenção é aplicar uma forma de *crudelitas*, de desumanidade, uma das ideias negativas da cultura romana clássica, à sua pessoa. Josefo refere-se mesmo a essa atitude como acto de «crueldade e traição».

Cleópatra, a difamadora. Para Josefo, Cleópatra é também uma *difamadora*. Já nos referimos à faceta «fédrica» da rainha aquando do encontro com o rei idumeu. Neste ponto, a descendente dos Ptolemeus volta a revestir-se com características da filha de Mínos, ao incitar o marido com a calúnia, tal como Fedra fez com Teseu. Citando o conteúdo de uma carta, Herodes dá a conhecer esta face negativa de Cleópatra, que o teria caluniado perante António (AJ XV, 77) (mas é um dado fornecido pelo que se alega caluniado, logo susceptível de uma parcialidade ainda maior). Todavia, o rei idumeu não é o único a ser difamado, o que fornece mais material de acusação. Cleópatra teria também deixado «cair perante António acusações caluniosas contra os altos oficiais na Síria», e por isso incitou o tribuno romano a ordenar a sua execução (GJI, 360). Josefo fala mesmo nas «calúnias (*tàs diabolàs*) de Cleópatra contra ele [Herodes] (AJ XV, 77).

Este é um clímax do seu retrato em Josefo. Depois de mentirosa é, necessariamente, uma *assassina*. É também nesta categoria que encontramos o maior número de exemplos que nos permitem compor definitiva e decisivamente o retrato de Cleópatra neste autor.

Cleópatra, a assassina. A ambição é apresentada como o principal móbil que leva Cleópatra ao pior dos crimes: o assassinio. Se a ganância é um vício, torna-a ainda mais injustificável. Já em *Contra Apião*, Josefo iniciara as acusações de fratricídio, pois «cometeu todo o tipo de iniquidades e crimes contra os seus parentes... assassinou traiçoeiramente o seu irmão...» (CA II,

57-58). O fratricida era sugerido a Josefo pela figura de Medeia, já antes passível de ter sido utilizada para a caracterização de feiticeira. Esta princesa da Cólquida não hesitou em matar o irmão Apsirto para seguir os Argonautas, constituindo-se assim como uma fraticida. Segundo o nosso historiador, a rainha egípcia causara a morte ao irmão por envenenamento, quando ele tinha apenas quinze anos de idade. Além de fraticida, é quase infanticida, «porque ela sabia que ele se tornaria rei» (AJ XV, 89). O texto refere-se a Ptolemeu XV Filopator, o segundo irmão de Cleópatra, morto pouco depois de ter voltado de Roma para o Egipto, em 44 a.C. Já Ptolemeu XIV, o irmão mais velho e jovem marido de Cleópatra VII, havia desaparecido misteriosamente em 47 a.C.

Mas Cleópatra é também, no mesmo texto, a alegada causa da morte da irmã mais nova, assassinada às mãos de António: «assassinou a irmã inocente, Arsínoe, no templo» (CA II, 57). Já Berenice, a irmã mais velha tivera o mesmo destino, às mãos do mesmo carrasco, porém graças à intervenção do então ainda vivo Ptolemeu XIII Auletes, pai da vítima. Aqui a ordem do rei é substituída pela da rainha, e Cleópatra é de novo uma fraticida. Porém, a situação agudiza-se, pois Josefo é bastante incisivo neste apontamento: «fez com que a sua irmã Arsínoe fosse assassinada... no momento em que era suplicante (*hiketeúousan*) no templo de Ártemis, em Éfeso» (AJ XV, 89).

No *Contra Apião* utilizara a expressão *inocente*, o que implica uma carga negativa de culpabilidade sobre a rainha. Mas há mais. O acto implica António num novo crime de sangue, contudo mais carregado ainda, pela proximidade consaguínea da vítima. Esse peso é transmitido pela narração do acto: Arsínoe é apresentada como *hikétês*, suplicante, acto considerado sagrado e inviolável desde os tempos homéricos⁵⁰. Ao refugiar-se no templo, tornava-se intocável, sendo ainda que o templo onde se refugiara era o de Ártemis, deusa virgem, protectora das mulheres solteiras. Pelo que, matar alguém nessa atitude era incorrer num crime sem perdão. António fá-lo, por instigação de Cleópatra.

Todavia, este episódio parece-nos ter sido feito de encomenda. Em primeiro lugar, a descrição da morte de Arsínoe é muito semelhante à que temos da de Berenice⁵¹. Dependência dos autores posteriores que as confundiram e narraram a mesma morte para ambas as mulheres? Em segundo lugar, a descrição sugere uma outra ainda mais antiga e mais universal, que poderia perfeitamente ter

⁵⁰ Em Homero, por exemplo, é como suplicante que Tétis se dirige a Zeus, de modo a obter do pai dos deuses o que pretende para seu filho Aquiles. *Hom., Il. I*, 500-502.

⁵¹ Estrabão, XVII, 796; D. Cássio, XXXIX, 58.

servido de modelo a Josefo. Referimo-nos à violação de Cassandra por Ájax. Quando, durante a queda de Tróia, a filha de Príamo, sacerdotisa virgem de Apolo, se refugiara no templo de outra das três deusas virgens do sistema religioso grego, Atena, Ájax desrespeitou essa sua atitude, igualmente de *hikétês*, e arrastou a estátua da própria deusa, bem como a princesa troiana, pelos cabelos. Graças a esse acto sacrílego, Ájax Lócrida será perseguido e punido, e os Aqueus passarão a contar com a inimizade da deusa grega da guerra, até então sua protectora⁵². Este acto era de facto muito grave na cultura grega, pelas implicações religiosas e pelo carácter sagrado de que se revestia. E se antes Cleópatra já se havia assemelhado a Fedra, com a descrição da morte de Arsínoe recordamos também a irmã cretense da esposa de Teseu, Ariadne. Pois, tal como Arsínoe, também Ariadne se tornou vítima da ambição política de Fedra, acabando por ser assassinada em Naxos, a mando da irmã (segundo algumas versões do mito)⁵³.

Se tivermos em conta que muitas das caracterizações joséficis, das personagens que apresenta, mormente nas *Antiguidades Judaicas*, são muitas vezes inspiradas e modeladas, associadas e paralelizadas a narrativas clássicas, especialmente gregas⁵⁴ (ex: Abraão como filósofo; Sansão como Hércules; Jefté como Agamémnon; José como Hipólito; Saul como Aquiles e como Édipo; ou o recurso a narrativas previamente modeladas, como a das Amazonas em Heródoto e a tipologia utilizada para retratar as mulheres midianitas)⁵⁵, não é

⁵² Cf. Virg., *En.* II, 403-406, onde o poeta se refere à princesa de Tróia como «a virgem Cassandra arrastada desde o templo», e Eur., *Troi.* vv. 69-75.

⁵³ Numa mesma linha interpretativa, Virgílio havia procedido inversamente: usara o tema da degolação de Pompeio para se inspirar para a descrição da morte de Príamo às mãos de Neoptólemo, quando, igualmente durante a tomada de Tróia, se refugiara no templo com a mulher e as filhas. Virg., *En.* II, 557-558.

⁵⁴ Já noutro trabalho nos referimos ao conhecimento e domínio que Josefo tinha de autores gregos. Ele próprio refere alguns deles em *CA* I, 12; II, 14, 155, 256. Outrora aceite, a tese de que Josefo teria tido assistentes gregos que teriam inserido nas suas obras estilos «clássicos», defendida por Thackarey, está hoje completamente ultrapassada, pelo que é admitido que os referidos estilos apenas se devem ao génio criador de Josefo, só possível graças à grande formação que teve, apesar de ele próprio confessar a ajuda que teve de escribas gregos. Josefo conhecia pelo menos 55 autores gregos. Cf. B. Z. Wacholder, *op. cit.*, 147; N. Simões Rodrigues, *Rei Saul...*, pp. 22-23.

⁵⁵ A melhor síntese desta questão é a que podemos encontrar em L. H. Feldman, «Use, authority and exegesis of Mikra in the writings of Josephus» in *Mikra: Text, Translation, Reading and Interpretation of the Hebrew Bible in Ancient Judaism and Early Christianity* 1988, 455-518.

de desconsiderar que este episódio recorra a esse mesmo artifício, de modo a conferir-lhe uma maior eficácia na imagem que se pretende transmitir: Cleópatra como uma personagem negativa, que instiga António, aí tipologizado como Ájax, o Lócrida. Na verdade, ela foi a verdadeira assassina. Ainda ao nível da tipologias, Cleópatra surgiria como os caracteres negativos da assassina Clitemnestra, ou como os de Dalila e Jezabel, que conduzem outros ao assassinato.

Os outros autores que relatam este episódio são Díon Cássio, segundo o qual António matou Arsínoe depois de a ter arrastado pelo templo de Ártemis em Éfeso (D. Cássio, XLVIII, 24.2), e Apiano, o qual refere que o tribuno a matou, quando estava como suplicante junto a Ártemis Leucófrina em Mileto. A divergência, explicada pelo tradutor inglês de Josefo, é apenas ao nível da localização do templo⁵⁶. De qualquer modo, há a salientar que ambos retomam a informação de Josefo. Se este é a fonte de Díon Cássio e de Apiano, até que ponto este episódio não depende do historiador judeu? Isto é, a ser uma criação retórica de Josefo, até que ponto o conhecimento confirmado por pelos autores posteriores a Josefo não é simplesmente um conhecimento construído sobre o estilo historiográfico joséfico, o qual sabemos ser bastante tipológico⁵⁷. A ser assim, o que se passa com Cleópatra não se passará com outras questões? Não colocamos em dúvida o facto do assassinato da irmã, mas a particularidade de algumas observações, como o facto de *no momento estar refugiada como suplicante no templo da deusa*, cuja intenção é declaradamente retórica e opinativa. Repare-se que, a partir dela, formulamos um juízo acerca do carácter da rainha e de seu mandante.

Na *Guerra*, Josefo refere-se à rainha como uma assassina «da própria família», acusando-a de ter morto, «um após outro, até não restar um único parente» (*GJ I*, 359). Independentemente da verdade dos factos, a imagem da rainha é denegrida ao máximo possível. O exagero da morte dos parentes é notório, pois é também um crime de lesa máxima entre os Romanos.

Tendo sido exibida a imagem de assassina da família, Josefo passa a insistir no assassinato de outros, referindo-se à soberana como estando «agora sedenta

⁵⁶ O erro parece estar ao nível de transmissão de um dado por parte de Apiano, pois ele próprio refere que Megabizo, sacerdote de Ártemis, era o nome do oficial persa em funções no templo da deusa em Éfeso. E esse mesmo sacerdote presenciou a cena. Cf. App., *Bell Civ.* V, 9.

⁵⁷ D. Daube, «Typology in Josephus», *JJS* 31/1, 1980, 18-36.

do sangue de estrangeiros» (GJI, 359). Assim, o carácter assassino de Cleópatra não se fica pelo fratricídio. A acusação feita a Lisânias, governante de Cálcis, a sul de Damasco, e filho de Ptolemeu, por Cleópatra, de em 40 a.C. incitar os Partos contra os interesses do governo romano leva ao seu assassinato, como leva ao do rei árabe Malco, através da «perícia (*deinótêta*) de Cleópatra» (AJ XV, 92; GJI, 440). A utilização da expressão grega *deinótêta* confere à rainha uma capacidade exímia, quase profissional, para o mal, nomeadamente para o assassinato.

Finalmente, até mesmo Herodes se torna num alvo a abater. Segundo o testemunho de Josefo, a soberana instigava constantemente António a assassinar Herodes, para obter o trono da Judeia, e teria sido essa mesma atitude que teria levado o rei idumeu a criar a cidade fortificada de Massada (GJ VII, 301). Esta referência contrasta fortemente com o facto de Herodes ter poupado a vida à rainha egípcia, quando teve oportunidade para a eliminar. Do episódio, é a imagem de Cleópatra que sai denegrida.

O balanço do conjunto deste retrato de Cleópatra resulta num quadro geral bastante negativo, em que a rainha é, fundamentalmente, e na linha da imagem conseguida por Virgílio na *Eneida*⁵⁸, *a estrangeira inimiga de Roma*. Mas esta nem sequer é uma conclusão deduzida ou mesmo inferida; é resultado das próprias observações de Flávio Josefo que afirma que a rainha agiu criminosamente contra «os Romanos e seus imperadores» (CA II, 57), fazendo do substantivo colectivo o grande sujeito contra quem a Egípcia se declarou e manifestou. O sentimento de revolta contra a soberana é justificado no mais incisivo texto de Josefo: «devendo o trono ao primeiro César, atreveu-se (*praesempit*) a revoltar-se contra o seu filho e sucessor» (CA II, 58), conseguindo dessa forma, e como já havíamos enunciado a propósito de outras passagens, colocar-se ao lado de Octávio e seus descendentes, numa posição de hostilidade para com a rainha do Egipto. Uma vez mais atestamos a aceitação incontestada, por parte de Josefo, do poder de Octaviano, reconhecendo-o, neste excerto, como *filho e sucessor de César*.

Na continuidade destas ideias, remata com a já referida tentativa de justificação das atitudes de Marco António: «levou-o a tornar-se inimigo do seu país e infiel para com os seus amigos» (CA II, 58). Em suma, virou um

⁵⁸ Virg., *En.* VIII, 671-728.

romano contra Roma, crime imperdoável pela impiedade que encerra em si, pela negação da pátria, tão fundamental à organização do pensamento político romano. Esse é o cerne da acusação.

Por tudo isto, Cleópatra é, por sua vez, também conduzida à morte, pois «quando Alexandria foi capturada por César foi reduzida a tais limitações que não encontrou outra esperança para si própria senão o suicídio» (CA II, 60). Porém, a justificação dada por Josefo está um pouco longe da dada por Plutarco. No autor grego, o acto de Cleópatra é essencialmente um acto patético, de honra quase estóica, de uma soberana que se recusa a desfilar em Roma no cortejo triunfal de um general, exibida como uma vencida humilhada. Daí, o seu suicídio, quase trágico, quase romântico, pois, segundo essa descrição, poderia até mesmo ter optado pela morte voluntariamente, devido à morte de Marco António, seu marido.

No autor judeu nada há que nos sugira esse desfecho. Apenas lemos que *foi reduzida a tais limitações* por Octávio que optou pelo suicídio. Podemos entender por *limitações* questões mais pragmáticas que a honra ou a paixão? Talvez. A própria situação de prisioneira, a perspectiva do domínio efectivo e ocupacional de Roma, bem como a de se constituir uma rainha vassálica. Em síntese, a nova situação de obediência e dependência, em quem, decerto, se viria a proclamar o julgamento e as vinganças dos actos cometidos durante a vigência de António contra Roma e contra outros estados dominados.

Deste modo, *tópos* literário, o suicídio de Cleópatra não surge, em Josefo, tanto como a escolha de uma morte honrosa, estóica, como a de outro rei suicida, como Saul, por exemplo, como a de fuga à perspectiva das coisas vindouras. Em vez de tragicidade ou romantismo, há expiação de pecados e caminhos que escolheu. Nela não se retrata um destino impiedoso, como é sugerido para Saul. Há vergonha e punição, contrastando com posteriores atitudes interpretativas da morte da última rainha do Egipto.

Daí que Josefo refira que «encontrou o castigo que merecia» (CA II, 61), consagrando-se a apologia do historiador, objectivo último deste texto, que se pretende, acima de tudo, um amigo de Roma. Se Cleópatra é a arqui-inimiga da cidade dos Césares, tal como se apresenta em diversos poetas seus contemporâneos, então acusá-la e denunciá-la como anti-heroína contribui, evidentemente, para alinhar a amizade pretendida.

Na produção de Joseph L. Mankiewicz, Cleópatra (Elizabeth Taylor) diz em tom troceiro que «os Romanos contam histórias fabulosas sobre os meus banhos e servas e sobre a minha amoralidade». Uma frase que parece sintetizar

a grande tónica da descrição joséfica da última soberana do Egipto. A negritude de Cleópatra insere-se na misoginia joséfica, nem sempre assumida, mas por vezes evocada, e numa filo-romanidade, necessária à sua condição de habitante do palácio de Tito e Domiciano, e que contribui para um aligeiramento da figura de António. O historiador segue a tradição romana, que começou por se referir negativamente à rainha egípcia (Virgílio, Horácio, Patérculo e Propércio), sendo o primeiro historiador a referir-se a ela em língua grega. Josefo conhecia, por certo, o espírito dominante acerca da rainha, e como o seu objectivo principal era colocar-se ao lado de Roma e pelos Romanos, entende-se a sua opção de recriar a aura negativa em seu torno. Cleópatra é a grande inimiga de Roma a combater. É assim que Josefo age.

Em primeiro lugar, cabe referir o problema conceptual das fontes sobre as quais Josefo terá trabalhado. Já nos referimos a Nicolau Damasceno e à forma como a sua posição política terá influenciado o produto final das suas histórias. Josefo poderá tê-lo seguido ou não na imagem que transmite de Cleópatra. Se o fez, significa que o historiador de Damasco acabou também por denegrir a sua anterior ama e que o historiador judeu assumiu esse retrato que, decerto, servia perfeitamente os seus propósitos, de acordo com os testemunhos e posições latinas coevas. Se o não fez, significa que Damasceno ter-se-ia mantido fiel à memória da antiga senhora, não a envolvendo na sua nova posição política face a Herodes (as posições historiográficas de Josefo em relação a Herodes devem-se ao texto base de Damasceno, por exemplo) e a Augusto (hipótese que consideramos de menor probabilidade); nesse sentido, seria de Josefo a criação da lenda negra de Cleópatra VII. De qualquer modo, qualquer que tenha sido a posição de Nicolau de Damasco, o que nos interessa de momento é salientar que em Josefo, a fonte mais antiga que nos resta para a caracterizar minimamente, Cleópatra é essencialmente uma figura malquista. Nicolau representa o olhar greco-sírio dos acontecimentos; Josefo o judaico. Os interesses divergentes afectaram os escritos de cada, e por isso as diferenças entre ambos os historiadores. Porém, o que o historiador judeu preservou do damasceno é como que um ponto de frequência comum das duas tradições e dos dois objectivos. Como decerto foi o caso de Cleópatra.

A essência desta caracterização é, portanto, a de uma mulher vilano-manipulativa, o que, aliás, vem na continuidade da maioria das caracterizações femininas feitas por Josefo, e o que levou alguns autores a considerá-lo, de algum modo, um misógino. Daí, talvez, o recurso a modelos anteriores desse tipo de representação. Em Josefo, Cleópatra é essencialmente uma anti-heroí-

na. Não deixa de ser curioso deixar um último apontamento para o contraposto que Herodes desempenha nesta narrativa joséfica de Cleópatra. Apesar de ser frequentemente evocado como um vilão, como quando associado a Mariamne, por exemplo, ou noutras passagens, como aquando da proximidade de sua morte, em que ordena massacres em massa (*GJ* II, 657-660, atitude próxima da do Herodes bíblico), quando colocado lado a lado com a soberana egípcia, a vilania de Herodes é obscurecida pela da rainha. Herodes chega a ser sugerido como um possível libertador do mundo judaico e, noutros pontos, é o homem de *Fides* que nunca abandonou o seu amigo António. Aliás, a amizade destes foi afectada pela própria rainha, por nada mais⁵⁹. A terceira figura, António, mantém-se como um deuterogonista, que aparece como perdido de amores, agindo simplesmente como um ordenado da rainha (apesar de algumas passagens permitirem colocarmos em questão a alegada cegueira de António). De qualquer modo, a sua actuação em Josefo inicia o mote que levará Plutarco a afirmar que Cleópatra devia a Fúlvia, primeira esposa do romano, o ter ensinado António a obedecer a uma mulher (*Ant.* X, 3).

A maioria das informações fornecidas por Josefo provém das *Antiguidades Joséficas*. Apesar de as referências quase coexistirem entre a *Guerra dos Judeus* e as *Antiguidades*, o que encontramos neste texto acaba por ser um desenvolvimento posterior e mais cuidado das alusões previamente referidas, que serviram de síntese introdutória que o seu contexto literário não permite desenvolver, num contexto mais lato e ao mesmo tempo específico que é o da guerra de 66-70. Enquanto as *Antiguidades* contêm uma análise muito mais desenvolvida, a *Guerra* é mais incisiva e drástica, talvez porque são uma justificação da guerra contra Roma, onde a própria rainha do Egipto surge como uma das causas a apontar.

A caracterização estrutura-se em dois pontos fundamentais: um primeiro, que *grosso modo* segue um esquema cronológico, e que é essencialmente o da

⁵⁹ Em *GJI*, 386 encontramos de novo essa tendência, onde Josefo, com um exagero apologético, pretende sobrevalorizar o papel de Herodes, porque pretende colocar os Judeus num primeiro plano, na conjuntura internacional então centralizada em Áccio. Segundo o historiador, enquanto Octaviano não vencesse Herodes, não teria tido uma vitória completa. A positividade do papel de Herodes deve-se, decerto, à base textual que Josefo teria utilizado para o caracterizar: o texto de Nicolau Damasceno, anterior servo de Cleópatra e posterior amigo de Herodes e que, por essa razão, o descreveu favoravelmente, «para a glória do seu amo», fazendo dele um autêntico historiador de corte. Cf. B. Z. Wachholder, *op. cit.*, 147-172.

factologia, organizando-se em torno de duas figuras maiorais para a história de Israel no período em questão: Marco António, representante do poder romano; e Herodes I, o rei idumeu a ocupar o trono da Judeia, com a conivência de Roma. Assim, tal como em todos os outros autores conhecidos (exceptuando os poetas), aliás cronologicamente dependentes da narrativa de Josefo, as referências à rainha do Egipto são sempre circunstanciais e obtidas por arrastamento.

O segundo ponto constitui-se à base de *tópoi* literários que caracterizam a rainha, essencialmente na sua vilania e na sua negatividade. Estes surgem diluídos ao longo do texto, e são perceptíveis através de observações subtis e pelo emprego de termos gregos que conotam a personagem com determinadas características. Assim, obtemos um produto final de uma Cleópatra fratricida, ambiciosa, lasciva, adúltera, difamadora, impiedosa, traidora, enfim pecadora em geral, e até mesmo hábil estratega política, o que nela deixa ser uma qualidade para passar a ser um defeito. A composição da figuras é assim conseguida essencialmente à base de lugares eticamente negativos. Simultaneamente, afasta-se de qualidades morais, típicas do virtuosismo greco-romano, especialmente consideradas durante o helenismo do século I, como a *Fides*, a *Sôphrosyne* ou a *Amicitia*. Afasta-se de modelos romanos femininos de virtude, para se aproximar de estereótipos historiograficamente negativos. Contudo, a nível histórico, e pelo seu papel político, Cleópatra parecia herdar a vocação de tantas rainhas orientais, que antes de si haviam também detido o poder e ambicionado a criação de um império de medidas universais.

A nível da conceptualização mais universal, Josefo parece fazer como é seu apanágio ao longo das *Antiguidades*, ao caracterizar as grandes figuras intervenientes na história de Israel, recorrendo ao património histórico-literário da cultura greco-romana, e até mesmo judaica, buscando referências passíveis de criar uma *interpretatio* da última rainha do Egipto mais compreensível ao leitor de formação helenística. No entanto, no caso de Cleópatra, o autor nega as características positivas que normalmente constituem o seu apanágio historiográfico, para assumir as contrárias. Porém, o objectivo, a metodologia e o resultado são precisamente os mesmos, evidenciando o carácter retórico-apologético do seu trabalho. O conjunto destas características resulta numa série de acções que J. Sievers cataloga como próprias do Helenismo político, «dignas do mundo dos sucessores de Alexandre»⁶⁰.

⁶⁰ J. Sievers, *op. cit.*, 140.

Assim, encontramos modelos que são passíveis de ter fornecido a Josefo percursos construtivos do retrato da rainha. De entre as figuras bíblicas, já anteriormente tratadas por Josefo (no início das *Antiguidades*. Talvez por isso mesmo, o retrato da rainha nesta obra seja mais cuidado e construído que na *Guerra*, onde as referências são essencialmente factológicas, e onde Josefo ainda não havia tido a oportunidade de recriar outras figuras, que mais tarde lhe poderiam ter servido de fio condutor noutras caracterizações), referimos já Jezabel, mas é também lícito destacar Dalila, ambas figuras próximas do poder, cuja essência é usar a beleza, a sedução e até mesmo o assassinio para atingir objectivos. Entre as figuras do património mitológico-literário greco-romano destacamos Helena e Ônfale, já aludidas por Plutarco, que parece ter reconhecido esta característica tipológica já na Antiguidade, mas também Fedra e Clitemnestra (difamadoras e adúlteras), Circe e Medeia (feiticeiras e fraticidas), Afrodite (lasciva e sedutora) e Cassandra (vítima como Arsínoe). Cleópatra tem um pouco de todas elas. Estas personagens, por suficientemente reconhecidas pelos interlocutores greco-romanos e culturalmente helenísticos de Josefo, possibilitavam a recriação do código de valores que se pretendia transmitir. Uma atitude em consonância com o estoicismo da época (não podemos esquecer que Josefo conhecia, entre outros, Homero e os trágicos). Essa mensagem coadunava-se com o espírito que imperava em Roma ao tempo dos Flávios. A ligação de Tito, filho de Vespasiano, com a princesa judia Berenice, por sinal, neta de Herodes I, ocorrida entre 75 e 79 d.C., surgia aos olhos de alguns Romanos como uma repetição do caso António e Cleópatra, *o romano e a oriental*, que ocorrera mais de um século antes. Não haverá alguma ligação entre a *questão Berenice* e a descrição negativa de Cleópatra em Josefo? Se por um lado o historiador era judeu e podia ter apoiado essa ligação, por outro estava ao serviço de Vespasiano, e a opinião de Roma e dos Romanos, que não eram assim tão entusiastas de tal relação, era importante para a continuidade de Josefo na capital do Império.

Da mesma forma, há dados que poderão estar viciados como, por exemplo, a morte de Arsínoe, que nos parece ser um decalque literário da descrição da violação da profetisa Cassandra, ou a enunciação de referências atributos da rainha que a conotam com a deusa Afrodite, deusa do amor lascivo, pouco recomendável a Judeus e que nos permite conotar a figura de António com a do malogrado deus Ares, hábil guerreiro, mas infeliz nos amores com a deusa cípria. Estamos assim perante um processo inverso ao que Virgílio faz. Enquanto o poeta latino utiliza uma figura histórica para recriar uma figura mitológica, a

fenícia Dido, o historiador grego parece recorrer a figuras mitológicas que lhe servem de modelo para caracterizar a sua figura histórica. É-nos, portanto, legítimo perguntar, quanto desta água viciada não beberam os historiadores posteriores de Cleópatra? E não esqueçamos que eles são maioritariamente posteriores a Josefo (Suetónio, Plutarco, Apiano e Díon Cássio). Não negamos os factos históricos apresentados por Josefo; apenas chamamos a atenção para a forma como são referidos e tratados, onde a intervenção do autor ganha maior liberdade.

Em Josefo nada de detalhado ou pormenorizado encontramos sobre a morte de Cleópatra. Este apresenta-a apenas como facto consumado. O historiador judeu sabe do suicídio, mas não o pormenoriza. Caberá a Plutarco tal tarefa. Ao que parece, a descrição romântica dos últimos momentos de Cleópatra pouco ou nada lhe interessou. Na verdade, não era esse o seu objectivo principal e Josefo teria preferido um outro desenlace para a última rainha do Egipto. O desfile no triunfo de Octávio Augusto estaria muito mais de acordo com a tendência geral da sua narrativa.

Josefo influenciou os biografadores posteriores com a perfídia de Cleópatra. E nestes acentuou-se o carácter romântico-trágico do fatalismo da heroína, pois pouco lhes importou a recriação apologética dos historiadores antigos.

ABSTRACT

Although Cleopatra is not a main character in Josephus' historiography, there are several references to her in it. She is the one Flavius Josephus names the Egyptian. It is in Josephus work that we can find many of the necessary information to reconstruct the last descendant of the history of the Ptolemies from five aspects: 1. Cleopatra and Mark Antony; 2. Cleopatra and Herod, the Great; 3. Cleopatra, Herod and Alexandra; 4. Cleopatra and the offers; 5. Josephus, Cleopatra and Actium. However, simultaneously, we detect a rhetorical use of themes that figure the queens's portrait in a negative way, in the image of an enemy of the Jews and so identifying her with Greco-Roman topics of undesirable subjects, such as: *femina politica*, powerful, ambitious, bad hostess, luxurious, treacherous, aphrodisiac, sorceress, unfearful to God, mad, cruel, lying and murderess.